

PRISCILA PALHANOS

**ASPECTOS CULTURAIS DOS PARAGUAIOS EM CAMPO
GRANDE - MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL -
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE – MS
2019**

PRISCILA PALHANOS

**ASPECTOS CULTURAIS DOS PARAGUAIOS EM CAMPO
GRANDE - MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado / Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Profª Drª Maria Augusta de Castilho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL -
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE – MS
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

P161m Palhanos, Priscila

Manifestações culturais dos paraguaios em Campo Grande - MS /
Priscila Palhanos; orientadora Maria Augusta de Castilho.-- 2019.
55 f.: il.; 30 cm+ anexos

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) - Universidade
Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019

Inclui bibliografia

1. Cultura paraguaia - Campo Grande (MS). 2. Identidade cultural. 3.
Imigrantes paraguaios. I.Castilho, Maria Augusta de. II. Título.

CDD: 306.09892

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “Manifestações culturais dos paraguaios em Campo Grande-MS”.

Área de concentração: Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 21/02/2019

BANCA EXAMINADORA

Maria Augusta de Castilho
Profª Drª Maria Augusta de Castilho
Universidade Católica Dom Bosco

Arlinda Cantero Dorsa
Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco

Denise Abrão Nachif
Profª Drª Denise Abrão Nachif
Universidade Católica Dom Bosco

Dedico este trabalho aos meus pais Joaquim e Iranice, que me ensinaram a honestidade, o amor e a generosidade e foram a base de extremo valor em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tantas bênçãos que tem me dado, preenchendo-me de amor e de pessoas que me permitem chegar mais longe, com oportunidades maravilhosas, tendo vivido sempre intensamente esses momentos.

A minha querida orientadora, Prof^a Dr^a Maria Augusta de Castilho, que tem sido uma amiga, orientadora e incentivadora de todos os meus anseios de vida. Obrigada por esses anos de aprendizagem ao seu lado, sempre com cuidado e para que eu me torne um ser humano melhor.

Agradeço a minha família, especialmente aos meus pais e irmãos, pelo apoio que tenho recebido durante todos os anos de estudo, mesmo distante sempre me orientando e me ajudando a continuar firme em meus propósitos.

Aos meus incríveis amigos, que me sustentaram quando eu não tinha mais forças para continuar, por meio de uma palavra amiga, uma ligação, uma caminhada, uma oração, um almoço.

Obrigada aos membros da igreja de Cristo e a Escola de Treinamento ao Serviço Cristão – Ser Cristo, por todo o apoio espiritual, psicológico e financeiro que recebi de diversos membros, vocês são uma verdadeira família para mim.

Aos professores e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado / Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco - PPGDL, que foram nossos mentores ao longo do curso e nos inspiraram a estar sempre nos superando, assim como meus colegas de mestrado, que permitiram uma grande troca de experiência entre nós.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - Brasil, pelo apoio e financiamento, permitindo-me realizar o Mestrado em Desenvolvimento Local.

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade.

Zygmunt Bauman (2005, p. 17)

PALHANOS, Priscila. *Aspectos culturais dos paraguaios em Campo Grande - MS.* Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). 2019. 55 fls. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande - MS, 2019.

RESUMO

Pelo fato de ser uma região de fronteira, Mato Grosso do Sul tem sido grande agregador de imigrantes de diversos países. A imigração paraguaia é algo recorrente, e por isso contribuiu na formação da identidade do sul-mato-grossense. As histórias se cruzam e permitem que os imigrantes construam um sentimento de pertença para com o território vivido. Um fator importante para que a cultura paraguaia se espalhe pela capital sul-mato-grossense é que as famílias imigrantes continuem a praticar as diversas atividades culturais com suas famílias, transmitindo-as, de geração em geração, com o objetivo de manter suas raízes vivas. Essa transmissão é feita, principalmente, por meio da culinária, da valorização do artesanato, das festas religiosas, além das músicas, danças e dialetos daquele povo, bem como pelas associações de valorização da cultura, presentes em Campo Grande e nas comunidades paraguaias da cidade. A pesquisa foi desenvolvida com base no método analítico, com uma abordagem indutiva, a partir de pesquisas bibliográficas em livros, *sites*, artigos e também pesquisa de campo com a aplicação de questionários a comunidade paraguaia que mora em Campo Grande. Com o recolhimento dos dados, foi possível verificar o desenvolvimento social, a valorização e a contribuição dos paraguaios, no contexto da identidade cultural de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Cultura paraguaia. Sentimento de pertença. Identidade. Imigrante. Território.

PALHANOS, Priscilla. *Cultural aspects of the Paraguayans in Campo Grande - MS.* Dissertation (Master in Local Development). 2019. 55 fls. Don Bosco Catholic University. Campo Grande - MS, 2019.

ABSTRACT

Because it is a border region, Mato Grosso do Sul has been a great aggregator of immigrants from various countries. The Paraguayan immigration is something recurrent, and for that reason it contributed in the formation of the identity of the South-Mato Grosso. The stories intersect and allow immigrants to build a sense of belonging to the lived territory. An important factor for the Paraguayan culture to spread throughout the South-Mato Grosso capital is for immigrant families to continue to practice cultural activities with their families, transmitting them from generation to generation in order to keep their roots alive. This transmission is made mainly through cooking, appreciation of handicrafts, religious festivals, as well as the music, dances and dialects of the people, as well as cultural appreciation associations present in Campo Grande and the Paraguayan communities of the city. The research was developed based on the analytical method, with an inductive approach, based on bibliographical research in books, websites, articles and also field research with the application of questionnaires to the Paraguayan community living in Campo Grande. With the collection of data, it was possible to verify the social development, valorization and contribution of the Paraguayans, in the context of the cultural identity of Campo Grande, capital of Mato Grosso do Sul.

Keywords: Paraguayan culture. Feeling of belonging. Identity. Immigrant. Territory.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Idade dos participantes	41
GRÁFICO 2 - Sexo dos participantes	41
GRÁFICO 3 - Indicação de descendência paraguaia dos participantes residentes em Campo Grande	42
GRÁFICO 4 - Existência no ambiente familiar um patrimônio da cultura paraguaia	43
GRÁFICO 5 - Dificuldades em praticar aspectos da cultura por não morar no país de origem.....	44
GRÁFICO 6 - Interesse em ensinar as próximas gerações sobre a cultura, língua e história paraguaia.....	44
GRÁFICO 7 - Avaliação da relação com a comunidade paraguaia em Campo Grande - MS (nota de 0 a 10).....	45
GRÁFICO 8 - Sentimento de integração na sociedade brasileira.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MARCOS CONCEITUAIS	12
2.1 Espaço, local e lugar	12
2.2 Território e territorialidade	15
2.3 Capital social e humano	17
2.4 Cultura, memória e patrimônio	19
2.5 Identidade e sentimento de pertença	22
2.6 Desenvolvimento e desenvolvimento local.....	25
3 A IMIGRAÇÃO DOS PARAGUAIOS EM CAMPO GRANDE: ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS.....	28
3.1 A imigração paraguaia em Campo Grande.....	28
3.2 Artesanato, cultura e música	32
4 TENDÊNCIAS METODOLOGICAS E RESULTADOS	38
4.1 Tendências Metodológicas	38
4.2 Resultados e interpretação dos dados.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REREFÊNCIAS.....	49
APENDÊNCE	54

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem a função em primeira instância de ser um trabalho para conclusão do curso de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento local.

A linha de pesquisa utilizada dentro do programa é a linha 1 - Cultura, identidade e diversidade na dinâmica territorial, que aborda a dimensão cultural construída no contexto de relações existenciais dos indivíduos entre si e com o território vivido, como referência de base na construção, manutenção e reconstrução dos territórios. A descrição oferecida pelo próprio programa (2016) assinala o patrimônio cultural como identidade coletiva na manutenção e desenvolvimento do território, complementando que os valores culturais historicamente impregnados nos atores socializados, fruto da relação existencial e subjetiva estabelecida com território de vida, que se reflete nos sentimentos e identidade territorial. Nesse processo, os atores atribuem uma representação particular de si mesmo, de sua história, de sua singularidade, construídas por meio de experiências concretas em seu território. O patrimônio cultural consiste no conjunto de formas tangíveis e intangíveis no território, assim como, práticas sociais, nas quais os atores locais se apoiam para tomada de consciência de si mesmo e coletiva do lugar em que vivem, visto como poderosa ferramenta de mobilização social em processos de manutenção territorial e desenvolvimento local. (UCDB. PPGDL/2016).

A pesquisa foi desenvolvida com essa temática pela percepção sobre a grande influência que a cultura e os aspectos culturais paraguaios têm em diversos setores na própria sociedade campo-grandense. Em muitos momentos tem-se a sensação de que o próprio campo-grandense não tendo uma plena consciência dessa influência, contudo pode-se encontrar essa presença nas festas familiares cheias de danças -como a Polca-, músicas tipicamente com estilo paraguaio, além dos gritos em meio a música, que permite surgir uma grande vida a todos esses aspectos culturais.

O objetivo geral do estudo foi o de analisar como a cultura paraguaia é repassada para as próximas gerações em Campo Grande - MS, ao longo dos anos. A pesquisa foi desenvolvida com base no método analítico, com uma abordagem indutiva, a partir de pesquisas bibliográficas em livros, *sites*, artigos e também pesquisa de campo com a aplicação de questionários a comunidade paraguaia que mora em Campo Grande.

A estrutura do trabalho foi elaborada em sete itens, dentre eles: o item 2 descreve os conceitos do desenvolvimento local, como espaço, lugar, território, territorialidade, cultura, identidade, ou seja, aspectos conceituais como aporte teórico. No item 3 destaca a imigração

dos paraguaios em Campo Grande, dentro deles conceitos históricos dessa imigração paraguaia, suas manifestações culturais e como essas manifestações são utilizadas pelos campo-grandenses, sejam elas: religiosas, culinárias, vestuário, artesanato; enquanto que o item 4 apresenta as tendências metodológicas e resultados da pesquisa, destacando as percepções sobre cultura paraguaia e suas relações com a terra de origem.

2 MARCOS CONCEITUAIS

Neste item apresentam-se os conceitos que serão abordados ao longo deste trabalho. Martins e Marques (2016, p. 54) destacam que “o ser humano está, constantemente, buscando meios de equilibrar o ambiente em que vive e a sua própria identidade e, para alcançar essa constante, procura acomodação junto ao antigo”. Sua identidade é usada neste trabalho como algo construído em conjunto com a comunidade. Faz-se necessária uma trajetória sobre alguns conceitos, tais como: espaço, território, territorialidade, local, dentre outros; para identificar, alguns desses conceitos que serão contextualizados na vertente histórica e etimológica, lançando mão de autores vinculados às áreas das ciências sociais e humanas.

2.1 Espaço, local e lugar

O espaço está ligado às várias áreas, como a Física, Astronomia, Geografia, música, Arquitetura e Cultura. Como afirma Raffestin (1993), o espaço preexiste a qualquer ação, como se fosse a matéria prima do vivido e que pode ser transformado mais tarde, ou seja, ele considera o espaço como o ambiente inicial “e suas propriedades são reveladas por meio de códigos e de sistemas sistêmicos. Os limites do espaço são os do sistema sistêmico mobilizado para representá-lo”. (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

De acordo com Raffestin (1993, p. 143), “o espaço é anterior ao território”. Sendo ele anterior a qualquer ação, é necessária uma explicação do significado de espaço dentro das diversas áreas de estudo do vivido. O mesmo autor, ao ler Lefebvre, afirma que a produção do espaço físico balizado, modificado, transformado por redes, circuitos e fluxos – como estradas, canais, circuitos bancários e comerciais, autoestradas –, é o mecanismo utilizado para transitar do espaço ao território.

Uma representação do que seria o espaço é evidenciada por Raffestin, ao destacar uma ideia criada no período da Renascença, em que o espaço acaba por ser construído ou representado por meio de três fundamentos, sendo eles: a superfície ou plano; a linha ou reta; e o ponto ou movimento do plano, e que a combinação desses elementos resulta na representação de espaço.

Castilho e Mitidiero (2011, p. 31) avaliam que “a ideia de espaço está baseada exclusivamente no ser humano, pois só haverá espaço a partir da criação e de uma estrutura

mental de um território vivido". Desta forma, é o ser humano que cria esse espaço, ou melhor, que determina o espaço que servirá de base para suas relações do vivido.

Santos (2006, p. 24) acredita que o espaço é formado por objetos que são determinados pelo próprio espaço:

O espaço é formado de objetos, mas não de objetos que determinem os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica.

Destaca-se, então, que para entender melhor o espaço, é preciso entender essa preexistência em seu significado mais mínimo. Já o sentido etimológico é demonstrado por Marques (2013, p. 16), ao referenciar Faria (1967), afirmando que o termo vem do latim, sendo um “sentido de espaço, extensão, distância, intervalo”.

Para Santos (1994) citado por Castilho e Mitidiero (2011, p. 31), o espaço pode ser dividido em três formas:

Em primeiro lugar, o espaço pode ser visto num sentido absoluto, como uma coisa em si, com existência específica, determinada de maneira única [...] Em segundo lugar, há o espaço relativo, que se põem em relevo as relações entre objetos e que existe somente pelo fato de esses objetos existirem e estarem em relação, uns com os outros [...] Em terceiro lugar, há espaço relacional, onde o espaço é percebido como conteúdo e representado no interior de si mesmo.

De acordo com as autoras são essas três formas que tornam possível estruturar o espaço dentro de sua forma mais simples, permitindo que o ser humano o entenda. O espaço não se configura em um termo simples, podendo abranger várias outras estruturas (NANTES; CASTILHO, 2015). Uma dessas estruturas é configurada como espaço social, definida por Santos (1985) e citado por Marques (2013, p. 18), enfatizando que “a distribuição no espaço físico dos bens, serviços e por agentes individuais e grupos fisicamente localizados, com a oportunidade de apropriação desses bens e serviços”.

Como enfatizam Castilho e Lima (2012, p. 27), ao referenciar Milton Santos, “espaço [...] é um conjunto do qual participam, por um lado, objetos naturais e objetos sociais, e por outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. É pelo ambiente que será possível a ação e relação entre os diversos grupos – naturais e sociais – geradores do sistema. Torna-se então no espaço a possibilidade de que essa cultura com todos os seus significados e mudanças, seja de fato vivido em meio a o espaço físico e social que por meio dos anos, histórias, chegam a se misturarem entre suas fronteiras físicas.

O sentido de lugar foi conceituado desde os grandes filósofos; Aristóteles, por exemplo, descreveu que lugar era o “limite que circulava o corpo”, como observa Gionatto, Marques e Fernandes (2017), este conceito não só foi debatido por séculos, como também em várias áreas do conhecimento. A geografia, por exemplo, ao utilizar a linha humanista, estuda as experiências de indivíduos ou grupos para saber como eles agem ou como se sentem em relação a um lugar. Gionatto, Marques e Fernandes (2017, p.92) afirmam “que para a corrente humanista o lugar resume-se ao ambiente ao qual o indivíduo encontra-se, ou seja, ao espaço com significados para o indivíduo, ele faz parte do seu mundo e das suas afeições”.

Le Boulegat (2017, p. 3), enfatiza que:

[...] o tradicional conceito de **lugar**, compreendido como o conjunto de relações sociais territorializadas foi sendo associado à concepção mais atual do **sistema local**, no qual tais relações são enquadradas. A anterior concepção voltada apenas ao lugar ganhava uma abordagem mais relacional, levando em consideração a exterioridade e a globalização. Nesse novo enfoque, o **sistema local** passou a ser considerado **uma unidade de análise e de classificação** para a economia e sociedade, passando a exibir duas caras. Ao mesmo tempo em que tem raízes no passado, em termos de valores, conhecimentos, instituições, comportamentos, entre outros, necessita no tempo presente de ancorar os processos de desenvolvimento e de se envolver com as dinâmicas de mercado. (Grifo do autor).

Sendo assim, os conceitos mais atuais de local e lugar estão relacionados ao espaço vivido dos sujeitos e comunidades, suas histórias, culturas, dia a dia, uma ligação de passado e presente em um sistema que interliga: da menor unidade social – de um indivíduo e suas relações pessoais com os meios – até um sistema maior – o mundo e seus vínculos. São exatamente esses lugares vividos que são estudados, carregando sua própria cultura e a de seu país.

Castilho e Mitidiero (2011, p.33), referenciando uma ideia de Le Boulegat, destacam como espaço/lugar o seguinte pensamento:

Segundo as autoras, é nesses espaços vividos, onde se amplia a ação comunicativa que se dá o diálogo entre os diferentes em cada instante vivido. É o lugar onde o estrangeiro traz consigo uma temporalidade vivida, de modo que esse lugar proporciona a interação diferentes tempos sociais, com oportunidades de aprendizagem e inovação. Olhando o sujeito com o qual se pode trocar experiências numa relação interativa, intercultural e dialógica entre sujeitos. Essa troca de experiência implica interagir com o diferente na sua subjetividade e aprender com ele.

O lugar, então, permite a troca do diálogo temporal de gerações e de cultura em si próprio, por isso cria e recria interação, novos aprendizados, ou seja, permite que, no próprio local, exista uma convivência social entre sujeitos.

2.2 Território e territorialidade

O território e a territorialidade se complementam ao se formar uma comunidade. Santos, Grillo e Maciel (2016, p. 39-40) afirmam que “o território é mais do que um marco simbólico, é a flor mais acabada de um processo mediante o qual o ser humano torna um ambiente e o traduz de forma sua, isto é, própria”.

Portanto, o território necessita de um espaço para que exista, mas não apenas isso precisa, também, de um ou mais sujeitos desenvolvendo ações – intencionais ou inconscientes criadas pelos atores. O termo território pode significar coisas diferentes, como será visto, pode ser relacionado à própria extensão de um lugar ou pelo vivido dentro do espaço.

Ainda no aporte da Geografia, Raffestin (1993, p. 153) estabelece que “falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. É a ação desse grupo que gera a delimitação”.

Haesbaert (2011, p. 40-43 *apud* SÁ; CASTILHO, 2014, p. 30-31) afirmam que a palavra “*territorium* significa pedaço de terra apropriado [...] mencionando então uma ligação do vocabulário terra e o espaço em que se encontram as relações materialistas e os sociais na comunidade”. Verifica-se também que o território pode ser assim constituído: “território político - relação de poder; território cultural ou simbólico - apropriado de um grupo em relação ao espaço vivido; território económico - fonte de recursos/espaço de trabalho; território natural - relação da sociedade e natureza”.

Embora todos os itens descritos por Haesbaert (2011) tornem o território de direito, são todas essas ligações descritas que permitem que ele deixe de ser apenas o espaço físico e se torne algo que gera sentimento de pertencimento pelas relações criadas. Deve-se colocar em pauta que existem autores que divergem suas teorias sobre o espaço e o território.

Para Abrão (2010) é a utilização do território, pelo povo, então, que irá criar o espaço.

No aporte de Raffestin (1993, p. 143-144) “o território se forma a partir do espaço, sendo então o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível

[...] ele entende que o território se apoia no espaço, uma produção a partir dele". Já Marques (2013, p.24-25) enxerga o território como um produto da história, da própria sociedade dentro do espaço físico, por isso está em constante mudança, adaptação, "assim, a produção de um território nacional, seu espaço físico, modifica-se, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se localizam como as estradas, canais, ferrovias, circuitos comerciais e bancários e rotas aéreas". Sendo assim, seria uma base de apoio às instituições de poder e às pessoas, formando alguns dos pilares do estado moderno.

Os integrados formam cadeias de conexões chamadas por Raffestin de redes. Este autor esclarece que: "qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações", e que cada projeto é sustentado por um conhecimento e uma prática, em outras palavras, ações e/ou comportamentos próprios (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Por meio dessas relações entre indivíduos, seus projetos e interconexões, se desenvolvem ações com o espaço vivido, isso dá sentido ao território. Sá e Castilho (2014, p. 30) reforçam que "os indivíduos precisam do seu território, do seu espaço para que possam criar vínculos e ligações". Completando isso, Raffestin (1993, p. 143) observa que "ao se apropriar de um espaço, concreto ou abstratamente, o ator 'territorializa' o espaço".

Dentro da concepção de território, um conceito que se deve atentar é o de sistema territorial, como demonstra Raffestin, em que as sociedades têm a necessidade de organizar um campo operário de ação. Para isso, usam de representações iniciais em que atores vão proceder a repartição das superfícies, a implantação de nós e a construção de redes – visíveis, ou invisíveis –, chamando esse processo de essencial visível. De acordo com este autor, tal processo acontece da seguinte forma:

Os indivíduos ou os grupos ocupam pontos no espaço e se distribuem de acordo com modelos que podem ser aleatórios, regulares ou concretos. São, em parte, respostas possíveis ao fator distâncias e ao seu complemento, as acessibilidades. Sendo que a distância pode ser apreendida em termos espaciais (distância física ou geográfica), temporais, psicológicas ou econômicas. A distância se refere à interação entre os diferentes locais. Pode ser uma interação política, econômica, social, cultural que resulta de jogos de oferta e procura que provém dos indivíduos e/ou dos grupos. Isso conduz a sistemas de malhas, de nós e de redes que se imprimem no espaço e que continuem de algum modo, no território. (RAFFESTIN, 1993, p. 150).

Com isso, os sistemas de nós e redes permitem que exista uma integração entre habilidades e conhecimentos entre os territórios, embora sejam apenas escolhidos aqueles que os próprios indivíduos acham necessários. De alguma forma, nesse sistema, todos os seres

serão atores sintagmáticos, mesmo que em tempos ou locais diferentes, produzindo, então, territórios.

Como Raffestin (1993) coloca, um dos grandes problemas da noção de territorialidade é que o conceito veio dos naturalistas, acreditando que apenas a territorialidade dos animais era importante. De acordo com o autor, a territorialidade “reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens ‘vivem’, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de sistemas de relações existenciais e/ou produtivas”. (RAFFESTIN, 1993, p. 159).

Essas convivências, dentro do espaço vivido, acabam por ser relações de poder entre os membros da rede que estão sempre tentando modificar a natureza, o meio de relações sociais ou a si mesmos; essas relações de poder, observadas por Raffestin, nunca são inocentes ou sem um fim. Importa saber que o território/territorialidade é fluido como as relações que o torna um espaço vivido; a convivência entre atores ou natureza que o cerca, torna possível uma troca de conhecimento dinâmico, construindo novas habilidades, além de valorizar a sua história ao descobrir a do outro.

2.3 Capital social e humano

Vale ressaltar que a cultura dos paraguaios desenvolvida em Campo Grande - MS destaca a valorização do sujeito em sociedade. No aporte de Covelo (2015, p. 1), “o capital social corresponde ao valor da participação de cada sócio por intermédio da colaboração realizada por estes na sociedade”. Em um outro aporte Castilho e Santos (2012, p. 45) assinalam o seguinte pensamento de Bourdieu, sobre sua concepção de capital social o qual: “é entendido como a soma de recursos decorrentes da existência de uma rede de relações de reconhecimento mútuo institucionalizado em campos sociais”, ou seja, essas redes de conhecimento permitem o desenvolvimento/crescimento por meio da colaboração da comunidade.

No Brasil, um filósofo referência para o termo de capital social é Putnam, que estuda como a região Norte da Itália conseguiu um crescimento maior que a região Sul. Seu trabalho demonstra o quanto uma região pode ser beneficiada pelo capital social utilizando-se dos recursos internos para gerar benefício para a própria população. Borba e Silva (2006, p.80), ao referenciar Putnam, afirmam que:

Para aumentar a eficiência das sociedades é preciso reforçar as características que a compõem, como a organização social e a confiança. Uma comunidade desenvolve-se a partir do momento em que consegue dinamizar suas potencialidades, ou seja, multiplicar seu capital social.

Nesse diapasão o que é importante para o desenvolvimento de uma comunidade é a habilidade de trabalhar com as capacidades do grupo, desenvolvendo as aptidões individuais ou coletivas com vistas ao desenvolvimento social do grupo.

Hoje, o termo capital humano é muito utilizado no mundo empresarial. Conforme determina Nantes e Castilho (2015, p. 20), “em todas as suas estruturas esse conceito constituiu a chave para abrir a porta do funcionamento e da classificação das relações sociais.” Além de ser um termo econômico e social, o capital humano pode representar o valor do funcionário devido a suas capacidades e habilidades. Como exposto na citação abaixo.

À riqueza que se pode ter em uma fábrica, empresa ou instituição em relação à qualificação dos seus funcionários. Neste sentido, o termo capital humano representa o valor que o número de empregados (de todos os níveis) de uma instituição estabelece de acordo com seus estudos, conhecimentos, capacidades e habilidades. O capital humano de uma empresa é sem dúvida um dos elementos mais importantes na hora de avaliar o rendimento geral da empresa (QUE CONCEITO, 2018 - *site*).

Claro que isso também ocorre dentro da comunidade em decorrência das habilidades dos próprios moradores daquele espaço, o que possibilita o Desenvolvimento Local.

Santos e Castilho (2012, p. 46) evidenciam que dentre os bens do capital humano estão “educação, pois os níveis de escolaridade média de uma sociedade são fatores determinantes para gerar, absorver e difundir tecnologias, saberes e, dentre esses, a cultura se sobrepõe”, sendo essa cultura um agente de coesão social, simultaneamente com a educação, conduzindo ao florescimento da autoestima coletiva.

O capital humano é uma forma de poder que possibilita o desenvolvimento local, ou seja, pode estar relacionado a técnicas, habilidades e conhecimentos que irão beneficiar o próprio local.

2.4 Cultura, memória e patrimônio

Não se pode negar que o termo cultura é mais do que discutido entre as ciências humanas, já que muitos estudiosos ainda não chegaram a um conceito final do termo. Dessa forma, sociólogos, antropólogos e outros profissionais tendem a dar definições sobre cultura dentro de sua própria área.

No presente estudo a cultura será tratada de acordo com o pensamento de Beais e Hoijer (1971) citado por Mello (1982), que é: “conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”.

O antropólogo Laraia (2009), discorre sobre o tema e todas as nuances do que se pode considerar um problema na aplicação do que é cultura. O autor instiga o leitor sobre o que é cultura e qual o grau de participação da genética para definir as características pessoais e de grupo.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (LARAIA, 2009, p. 45).

Santos (2006, p. 11) observa que o “desenvolvimento está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los”, e que a cultura “diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos”. Isso só é possível porque esses grupos estão em interação constante.

O autor ainda estabelece duas concepções básicas para a configuração de cultura, sendo a primeira delas uma preocupação a respeito de aspectos da realidade social, ou seja, a existência social da pessoa que possui aspectos da realidade social de seu grupo, permitindo-a fazer parte de um grupo, povo ou nação. Já a segunda concepção tem maior relação com o “conhecimento, ideias e crenças, assim como as maneiras como grupos exercem a vida social” (SANTOS, 2006, p. 21). Apesar de serem duas concepções diferentes, não é possível focar em uma sem a base da outra, sendo assim, as duas estão atreladas.

Os paraguaios trouxeram para o Brasil aspectos culturais nas diversas áreas da cultura: música, culinária, religião, etc. Castilho e Mitidiero (2011, p. 40) afirmam que é o

patrimônio cultural que permite que um grupo se sinta como uma comunidade, que sinta que algo é seu, de seu povo, pertencente da sua cultura.

O patrimônio cultural de um povo lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e a solidariedade e estimulando o exercício da cidadania, por meio de um profundo senso de lugar e de continuidade histórica. Os sentimentos que o patrimônio evoca são transcedentes, ao mesmo tempo em que sua materialidade povoa o cotidiano e referencia fortemente a vida das pessoas. Patrimônio cultural é, portanto, a soma dos bens culturais de um povo.

Importa refletir que não existe apenas um modelo cultural, porque cada um deles é construído pelos indivíduos que compõem o grupo. Essa construção se dá por meio do patrimônio cultural, por exemplo, da história do grupo, de fatores que permitem criar um senso de comunidade e pertencimento. Guimarães e Castilho (2013, p. 29) ressaltam que a cultura:

Não é um elemento estático, assim sendo, um sistema cultural também não o será. O caráter dinâmico da acumulação de simbolismos e construção compreendidos e respeitados deve ser considerado na estruturação de comunidades, as quais, mesmo se culturalmente distintas entre si, internamente estarão aptas à formulação de mesmas ideias, hábitos e costumes entre os integrantes locais. Pode-se dizer, que os traços e aspectos culturais funcionam como fatores de fortalecimento dessas mesmas comunidades.

Embora a cultura seja algo muito discutido, por seus termos e aspectos, pode-se concluir que não existe uma cultura concreta, pois ela se refaz nos grupos – ou seja, ela se transforma à medida que existe necessidade – e, consequentemente, a forma. Esse processo também se repete na troca entre novas culturas.

Na cultura dos paraguaios e campo-grandenses a tradição é revigorada normalmente por meio da memória, a qual traz lembranças do passado conectando-as com o presente.

Martins (2007) enfatiza que a historiografia, há muito tempo, não considera mais a memória apenas como um fenômeno individual. Halbwachs (1990 *apud* MARTINS, 2007, p. 15) estabelece que “a memória deve ser entendida como um fenômeno social, construído coletivamente e sujeito a constante recriações”, acrescentando ainda que esses acontecimentos que permanecem na memória podem ser vivenciados, pessoalmente, pelo grupo.

A memória coletiva ou individual de um lugar pode permitir que o sujeito se sinta pertencente a determinado lugar ou história. Como afirma Pollak (1992, p. 5) “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na

medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

Não se pode ignorar o quanto a memória coletiva e pessoal torna possível a criação de laços de determinado grupo, como, por exemplo, uma história em comum. Lembranças – sejam do indivíduo ou as de *tabela*, como usa Pollak – tornam possível que cada um se sinta pertencente a lugar ou a um grupo. Essa ideia é bem moldada em uma entrevista concedida por Pollak (1992, p. 2-5):

[...] Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.

[...] Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

A memória toma cada vez mais espaço dentro de algumas historiografias, já que é através das pessoas que são encontrados significados e valores a objetos e acontecimentos. A memória coletiva ou individual faz com que as formas de cultura e/ou traços da identidade pessoal ou coletiva se perpetuem e sejam lembradas.

Castilho e Mitidiero (2011, p.45) relatam que o termo Patrimônio vem de Latim e “significa *patrimonium*, relativo a patrimônio, bens de família, herança; posses”. Castilho e Santos (2016, p.17) afirmam que o “patrimônio pode ser conceituado como herança de uma sociedade no conjunto das realizações construídas ao longo de sua história, no que se refere à sua cultura”. O patrimônio está ligado à hereditariedade, ou seja, um bem – material ou não – que deve ser passado às próximas gerações. As autoras observam, também, que o “patrimônio é um conjunto de bens materiais ou imateriais ligados à identidade, cultura e história de uma coletividade” (CASTILHO; SANTOS, 2016, p. 17). Isto é, uma comunidade ou grupo só considera determinado artigo como bem patrimonial se lhe conferir valor histórico, emocional, cultura, natural. Sem uma representação de identidade, memória de um indivíduo ou grupo, não existe patrimônio.

Sá e Castilho (2014, p. 22) lembram que o “patrimônio material é considerado um conjunto de bens culturais registrados nos livros do Tombo que são quatro: a) arqueológico, paisagístico e etnográfico; b) histórico; c) belas artes; e d) das artes aplicadas”. Já o patrimônio imaterial está relacionado ao conhecimento, como, por exemplo, uma técnica ou

uma dança. Castilho e Santos (2016 p.20) destacam que “é aquele ao qual podemos nomear de cultura viva, variada, e recriada constantemente”.

O patrimônio permite, com todas as suas formas, um meio de identidade e ligação de um povo. Varine (2013, p.40) afirma que “o patrimônio sempre foi um elemento essencial da identidade local, regional, nacional”. Essa ligação se configura por várias características e podem permitir que, mesmo longe, o sujeito ou comunidades sintam-se parte de determinada cultura, nação.

A maioria dos patrimônios, sejam eles materiais ou imateriais, muitas vezes são dinâmicos e mediante ao meio e influências culturais, podem mudar seus modos e símbolos, criando novos patrimônios culturais. Guimarães e Castilho (2013, p. 31) ressaltam que:

Portanto, pode-se enfatizar que patrimônio cultural comprova o dinamismo da cultura e dos sistemas culturais, bem como a possibilidade da sua compreensão e utilização em benefício das comunidades locais, principalmente, no fortalecimento da memória e da identidade, mas, também como instrumento educativo e turístico, justificando conexões do patrimônio histórico e cultural ao estudo das territorialidades e do desenvolvimento local.

Este estudo narra esse dinamismo entre culturas, entre os saberes locais de determinada comunidade. Paraguaios que, embora carreguem a cultura e o patrimônio cultural de sua terra, moldam seu modo de fazer dentro do espaço vivido. Como Varine (2013, p. 18) assinala: o “patrimônio, sob suas diferentes formas (material ou imaterial, morto ou vivo) fornece o **húmus**, a terra fértil necessária ao desenvolvimento”. (Grifo do autor).

O patrimônio, assim como a memória, é, então, um meio para que a comunidade se conecte a algum lugar ou modo de vida. Por meio de sua dinamicidade entre passado, futuro e presente fazem-se necessária na conexão entre gerações.

2.5 Identidade e sentimento de pertença

A identidade de um povo está ligada a um conjunto de pertences – sejam eles históricos, culturais, religiosos, biológicos – que os permite fazer parte de algo, tendo o sentimento de pertença sobre um lugar, ou grupo. Isso faz com que, mesmo longe, ainda se sintam parte do lugar, da mesma maneira que alguém que não está em vínculo direto com seu lugar inicial pode criar novos vínculos, inserindo-se como parte de um grupo ou local.

Da Matta (1986, p. 15) avalia que a questão da “identidade é saber quem somos e como somos; de saber por que somos, entendendo que o homem se distingue dos animais ao ter a capacidade de identificar, justificar e singularizar: de saber quem ele é”. Já Martins (2004, p. 18) ressalta que “assim como a memória, a identidade é uma construção social também sujeita a redefinições no tempo. Ambas podem ser negociadas e estão expostas a rearrumações, questionamentos e disputas”.

Ao escrever sobre trocas de culturas entre dois países como Paraguai e o Brasil, faz-se necessário destacar: o sentido de identidade nacional, identidade cultural e social. A identidade nacional é “um conceito que indica a condição social e o sentimento de pertencer a uma determinada cultura” (SIGNIFICADOS, 2018a). Essas características compartilhadas – culturais, seus valores, hábitos, conhecimentos – muitas vezes, são maiores que as individuais, garantindo um valor de coesão ao grupo, fomentando a ideia de pátria.

Assinala-se também, que a identidade cultural é definida como um “conjunto das características de um povo, oriundas da interação dos membros da sociedade e da forma de interagir com o mundo. Identidade cultural são as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, o modo de vestir, de falar, entre outros, que representam os hábitos de uma nação” (SIGNIFICADOS, 2018b).

A identidade perpassa por vários outros conceitos, dependendo de sua época, contexto, e outros aspectos e um desses conceitos é o de identidade social Castilho e Lima (2012, p. 34) discorrem sobre o contexto pelo qual se constrói o processo dessa identidade, narrando o seguinte trecho:

A identidade social é formada por um processo de aprendizagem cultural, a qual é encontrada processos sócio-psicológicos de assimilação dos valores que são recebidos, tanto do grupo, quanto de fora dele e a partir de então se criam novos valores. Dessa forma, a construção da identidade é constante, ao se levar em conta à produção cultural como meio de identidade do próprio grupo em relação ao outro.

Sendo assim, a identidade social, cultural e de grupo estão ligadas em um constante processo de formação, repleto de símbolos, valores, significados. A identidade social está relacionada tanto ao individual como aos seus respectivos grupos, podendo ter componentes tanto de exclusão como de “inclusão, porque elementos de um mesmo grupo têm a mesma identidade social e ao mesmo tempo são diferentes socialmente de pessoas de outros grupos”. (SIGNIFICADOS, 2018b).

Uma realidade que Bauman (2005) instiga é a ideia de que muitos imigrantes vivem durante anos em novos espaços ou culturas, mas nem sempre estabelecem uma convivência com “o outro” e isso impede a construção do “sentimento de pertença”, ou seja, que se sintam parte do novo grupo. Isso pode ocorrer por muitos fatores, dentre eles a vontade de querer manter sua cultura ou simplesmente a falta de uma troca real entre quem ele (imigrante) é e quem é o “outro”.

Nesse contexto, Bauman (2005, p. 17), demonstra que:

Tornar consciente QUE o ‘pertencimento’ e a identidade nem sempre são firmes, e não se garantem para toda a vida, e sim são negociados muitas vezes e/ou revogáveis por serem as decisões que o próprio indivíduo toma, e os caminhos que percorre, e como age, isto realmente importa para o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’.

Os grupos que encontram pontos de convergência de identidade, de acordo com Castilho e Lima (2012, p. 35), são aqueles os quais “os quais se baseiam em elementos discursivos fornecidos pela história, geografia, biologia, memória coletiva, por instituições, relações de poder, interesses, relatos e mitos, entre outros aspectos que compõem a cultura de uma determinada sociedade”. Dessa maneira, as formas de identidade vão se desenvolvendo em um processo que a própria comunidade carrega, seja ele natural ou não, assim como, geralmente, ocorre em um processo inconsciente. Ainda as autoras Castilho e Lima (2012, p. 37) dimensionam que “a história resulta de um processo consciente, a identidade, por sua vez, é construída por meio de processos inconscientes, ao longo de extensos períodos de tempo”.

Desta forma, busca-se descobrir a relação dos paraguaios e sua identidade, como ressignificam símbolos e mesclam sua cultura com uma nova que conhecem (se assim o fizerem), nesse processo sociopsicológico que em uma comunidade torna-se possível aprender habilidades e modos, mas também acabam por transmitir seus valores culturais.

A pertença, ou sentimento de pertença, faz com que os indivíduos se sintam parte de algo, de uma cultura, de uma comunidade que seja sua ou de seu país.

Para Nantes e Castilho (2015, p.37), esse “sentimento deve estar contagiando os atores da comunidade local, sendo um mecanismo fundamental para manutenção e união da comunidade”.

As mesmas autoras acima citadas referem-se a Palácios (2001), ao destacar uma coexistência entre vários lugares – o que se está e o que já se pertenceu, permitindo uma continuação de sua cultura, embora, muitas vezes, ocorra uma sincretização com a cultura da nova territorialidade. Por outro lado,

O elemento fundamental para definição de uma comunidade, desencaixa-se da localização: é possível pertencer a distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outro (à distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas. (PALÁCIOS, 2001 *apud* NANTES; CASTILHO, 2015, p. 38).

O sentimento de pertença, então, pode existir à distância da própria comunidade local, seus interesses, sua história compartilhada – fatos/objetos que permitem que seus atores se sintam pertencentes ao local, e o local a eles. Dessa forma, podem se sentir pertencentes a vários locais, do atual ao anterior ao qual pertenceram ou que, de alguma forma, contribuíram para formar os traços de seu grupo.

2.6 Desenvolvimento e desenvolvimento local

Progressivamente, o desenvolvimento parou de estar puramente ligado às áreas econômicas e se conectou mais às Ciências Sociais e Humanas. Então, como dito anteriormente, no final do século XX a concepção de desenvolvimento vai se relacionar às ideias mais sustentáveis, como um desenvolvimento que busca atender as necessidades humanas, presentes e futuras.

Sobre essas novas visões, antes utilizadas apenas para o crescimento econômico, foram se adequando às novas necessidades, Elizalde (2003, p. 2) reforça que:

Tengo la convicción de que es imprescindible que transitemos hacia una nueva cosmovisión que substituya la aún vigente. La idea de sustentabilidad puede ayudarnos a diseñar y dibujar una nueva visión, una nueva comprensión, una nueva cosmología, urgente y necesaria para enfrentar los enormes desafíos que enfrentamos. El cambio fundamental de realizar no está en el plano de la tecnología, ni de la política o de la economía, sino que está radicado en el plano de nuestras creencias, son ellas las que determinarán el mundo que habitemos.

No aporte de Elizalde (2003, p. 3) “é muito fácil crer em um mito do crescimento, usando uma linguagem de desenvolvimento em que para que haja crescimento deve se sacrificar uma parte do bem estar”. O pensamento de desenvolvimento sustentável veio para que as futuras gerações encontrem os mesmos “recursos” que as pessoas do presente.

Evidenciam-se também quais itens, na prática, devem ser preservados dentro das dimensões de desenvolvimento sustentável, para que o ser humano possa ter as suas

necessidades básicas atendidas, tais como: ecoambiental - que possui relação com a natureza e o ambiente construído e modificado por via da intervenção humana; cultural – que se refere à identidade cultural e aos sistemas de linguagens; política - que corresponde ao Estado, relações de poder, legitimidade e governabilidade; econômica - que tem relação com o mercado, crescimento, produção de bens e serviços; e social - correspondendo à sociedade civil e aos movimentos sociais (ELIZALDE, 2003).

É crescente a necessidade de que a ideia de desenvolvimento esteja ligada ao bem-estar social, não apenas o econômico. Embora ainda muito se use o desenvolvimento no campo econômico, todas essas áreas de bem-estar social são, também, itens que permitem uma boa relação do ser com o espaço e quando algum deles falta, surge, então, a oportunidade de se usar as habilidades encontradas no lugar sem que tenha que esperar ações vindas de cima para baixo, criando, então, movimentos endógenos.

Com relação a este termo, Ávila (2005) acredita não se deve falar apenas sobre o que o Desenvolvimento Local é, mas também o que não é dentro de uma comunidade. Por isso ele começa destacando que o Desenvolvimento Local (DL) não é “Desenvolvimento no Local (DnL)”, que consiste apenas em uma empresa ou estabelecimento que fica no local, gerando empregos, e circulação de bens, mas apenas durante o período de lucro; no caso, o local é importante apenas pelo espaço físico, enquanto for lucrativo. Outro termo usado por Ávila para descrever o que o DL não é, o de Desenvolvimento para o Local (DpL), que consiste em ideias de desenvolvimento para o local, que surgem de fora, que podem ser, muitas vezes, até benéficas para a comunidade, mas como o próprio autor coloca, tem um efeito bumerangue: vem das instâncias promotoras até as comunidades-locais e volta para essas instâncias promotoras.

Muito se tem discutido no mundo acerca do Desenvolvimento Local, afinal, o conceito de desenvolvimento não é o mesmo que vinha sendo trabalhado até bem recentemente, sendo relacionado ao crescimento econômico, como esclarecido antes. Deve-se, então, explicar e definir o conceito de Desenvolvimento Local, já que todos os outros termos que o englobam já foram esclarecidos. Dessa forma, será possível obter um panorama acerca do que ele é e o que deixa de ser, na comunidade local.

Martin (2001, p. 26) descreve as “características mais frequentemente aceitas sobre o Desenvolvimento Local, é o de ser um ‘processo dinamizador da sociedade local’ para melhorar a qualidade de vida da comunidade local” Já Rodrigues e Castilho (2016) frisam que existem dois pontos brasileiros para promoverem o Desenvolvimento Local, primeiro a governança – pela gestão pública – e segundo pelo território. No presente trabalho, o foco

vota-se para a forma da interação cultural, sentido de pertença dos paraguaios, seus valores culturais, símbolos, religiosidade etc.

Ávila (2005) dimensiona que é o fator endógeno que deve ser utilizado, como: capacidades, competências e habilidades internas (comunidade) para se desenvolver nas esferas comunitária e individual. Sendo, também, democratizante e democratizada, integrante e integradora, embora nem sempre de maneira consciente durante o desenvolvimento do processo, pois “não se trata de desenvolvimento descentralizado, mas de desenvolvimento centrado na comunidade, em cada comunidade-localidade”. Identifica-se ainda que:

Descentralizados são ou serão as políticas de desenvolvimento nos níveis federais, estaduais e mesmo municipais que incluírem o **Desenvolvimento Local** como destacada estratégia de dinamização capitalizada do desenvolvimento nos respectivos territórios. Mas o próprio desenvolvimento local se constitui processo centrado na comunidade, em cada comunidade-localidade, inclusive respeitando as peculiaridades, potencialidades e condições de cada uma. (ÁVILA, 2005, p. 47-48 - O grifo é do autor).

Para Marques (2013, p. 61) “o Desenvolvimento local é resultado da ação articulada do conjunto de diversos atores/agentes sociais, culturais, políticos e econômicos, públicos e privados existentes no espaço”.

Todos os conceitos descritos, analisados e embasados, nesse texto, são necessários para um melhor entendimento sobre o trabalho do agente local externo. Sendo assim, os processos ocorridos dentro da comunidade local não são mais, apenas, algo inconsciente, mas também uma forma consciente de manter sua cultura, seus ideais, tornando possível um olhar sobre como a comunidade se comunica entre si e com o mundo.

Uma das grandes dificuldades iniciais é a de se mencionar, semanticamente, o que é Desenvolvimento Local. Para Marques (2013, p. 61), seu conceito ainda não está encerrado, mas em construção, ao longo do tempo e do espaço. O que se sabe até o momento é que o autor tem suas “ideias centrais com relação a agentes locais, participação ativa, geração de empregos, agentes internos e externos, conservação de recursos naturais, solidariedade, igualdade social, e outros”. (MARQUES, 2013, p. 61).

De acordo com Rodrigues e Castilho (2016, p. 72-73), existem vetores importantes que ajudam a explicar melhor os processos dos quais faz parte. Afirmam, também, que para que se promova o Desenvolvimento Local, são necessárias ações públicas, graças à participação dos agentes locais do determinado território, almejando melhorar a condição de vida da comunidade local – movimento endógeno de que a necessidade vem da comunidade local.

3A IMIGRAÇÃO DOS PARAGUAIOS EM CAMPO GRANDE: ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS

Este tema encontra uma grande defasagem em questão de dados estatísticos, o próprio IBGE desde 1991 não recolhe dados específicos sobre local de origem dos imigrantes que moram no Brasil. Dos dados recolhidos em 1991 tem-se o seguinte: dos 5.666 nascidos no Paraguai e que vivem em Mato Grosso do Sul, 1531 viviam em Campo Grande (Quadro 1).

Quadro 1 - Paraguaios residentes no Brasil em 1991

País/Estado/município	nº de habitantes paraguaios
Brasil	19.018
Mato Grosso do Sul	5.666
Campo Grande (MS)	1.531

Fonte: Censo IBGE (1991).

Dados da Polícia Federal (PF) confirmam que entre os anos de 2006 a 2015, o número de imigrantes registrados no Brasil aumento 160%, sendo que 4.841 são paraguaios (TATANEWS, 2016).

Muitos bairros em Campo Grande foram criados por esses paraguaios, destacando-se entre eles a Vila Pioneira, que até se configurando como - colônias paraguaias – identificadas por meio de sua religiosidade, festas, culinária, e por um grande número de paraguaios morando na região, assim como seus descendentes.

Após a Guerra do Paraguai houve muitos paraguaios imigraram para o Brasil, mas o grande número de habitantes do Paraguai que vieram para o Brasil, ocorreu após a guerra civil desse país em 1947. (BARUJAR; PINTO; PAIVA, 2011).

3.1 A imigração paraguaia em Campo Grande

O estado de Mato Grosso do Sul foi construído em sua grande parte pelos imigrantes e migrantes que adentraram e residiam em suas terras, trazendo sua cultura, seus costumes, misturando tradições e rituais entre os povos.

A cultura paraguaia influenciou bastante a construção sul-mato-grossense, mas isso foi possível graças a sua história de contato com o estado. Ao longo das décadas vários grupos de imigrantes decidiram habitar o estado de MS e, especificamente Campo Grande, sendo que a maior parte desses novos moradores veio pelo fato da situação política que estavam enfrentando em seu país de origem.

Ao fazer uma análise social da cultura brasileira, pode-se ver a grande miscigenação de povos que a construíram. É inegável também a influência dos países fronteiriços, em nossa cultura, estilos musicais, itens de culinária dentre outros.

Esse processo de mistura de cultura aconteceu por diversos fatores, mas grande parte pelas imigrações ocorridas entre ele. O estado de Mato Grosso do Sul por ser um estado que faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai carrega uma grande carga cultural influenciada por estas etnias. (Mapa 1).

Mapa 1. Paraguai e Bolívia – países fronteiriços com o estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: <http://adlerweb.blogspot.com/2015/12/como-abrir-empresa-no-paraguai.html>

Não se pode negar que os movimentos migratórios quase sempre tiveram algum caráter econômico ou político, mas impregnados de valores sociais. Bernardes *et. al* (2014, p. 1) pondera o pensamento de Black (2011) ao destacar que:

[...] Cinco segmentos diferentes de processos que incentivam à migração, eles são (i) Fatores econômicos, por exemplo, incluem as oportunidades de

emprego e os diferenciais de renda entre lugares; (ii) fatores políticos que certamente não abrangem somente o conflito, a segurança, a discriminação e a perseguição, mas as políticas públicas ou empresariais, por exemplo, que influenciam a propriedade da terra; (iii) Fatores demográficos, dentre estes, por exemplo, que incluídos o tamanho e a estrutura de populações em áreas de origem, em conjuntos com a prevalência de doenças que afetam a morbidade e mortalidade; (iv) Inseridos nos diversos fatores sociais estão as expectativas familiares ou culturais, a busca de oportunidade educacionais e práticas culturais sobre, por exemplo, herança e casamento; (v) fatores ambientais de migração são a exposição ao risco e a disponibilidade de serviços ecossistêmicos.

Embora os fatores migratórios sejam complexos, dependendo de pessoas para pessoa, é necessário ressaltar que nem sempre isso ocorre de modo natural, muitos desses imigrantes sofrem discriminação, ou dificuldade de se adaptar com cultura, língua, ou de encontrar um espaço digno de trabalho. Nas palavras de Ribeiro e Urquiza (2016, p. 3) “há de se considerar que o movimento migratório não significa apenas um deslocamento no espaço, mas sim, um deslocamento qualificado no sentido cultural, econômico, social, o que acarreta ao imigrante, muito mais dificuldades do ponto de vista pessoal”. Por meio de estudos ao longo dos anos veem-se as dificuldades que esses imigrantes sofreram ao buscar novas de oportunidades para uma melhor qualidade de vida, para si e para seus familiares.

Muitos bairros em Campo Grande (Vila Pioneira, Vila Planalto) foram criados por paraguaios e seus descendentes, mas isso ocorreu por diversos fatores que afetaram decorrentes da situação no país vizinho e por isso ocorreram vários fluxos de imigração para os países fronteiriços, sendo o Brasil um deles.

Como a fronteira é um espaço e gera a construção de oportunidades de troca entre os países, muitos grupos as utilizam como afirma Ribeiro e Urquiza (2016, p.4) é “o espaço de construção de uma provável comunidade transnacional, formada pela rede de imigração internacional Paraguai-Brasil”.

A situação do Paraguai em 1864 corresponde ao início da guerra da Tríplice Aliança, também conhecida como Guerra do Paraguai, que segundo a Revista ARCA (1993, p. 13) ocorreu devido a “ambição pessoais e condições geográficas, que condicionam o aparecimento de atritos políticos”. Durante os anos de guerra (1864-1870) grupos de soldados e seus familiares optaram por continuar nas terras em que estavam, seja pela possibilidade uma vida melhor, seja por uma questão de povoamento e demarcação de terras (DORATIOTO, 2002).

Entre os anos de 1870 a 1950, o Paraguai mergulha em uma enorme instabilidade política, em que mesmo os governos que eram instituídos pelo povo, quase sempre eram

depostos por golpes de estado (REVISTA ARCA, 1993, p. 14-15). O país já destruído pela guerra foi empobrecendo ainda mais.

Os anos seguintes foram de grande turbulência para os paraguaios com diversas intervenções militares, disputas de poder. A situação se agravou ainda mais com a descoberta de petróleo na encosta dos Andes que desencadeou uma disputa de petróleo denominada guerra do Chaco. A Revista ARCA (1993, p.22) ressalta que:

A descoberta de petróleo no sopé dos Andes desencadeou uma estranha guerra entre a Bolívia e o Paraguai, que drenou as duas economias, dizimando 100 mil vidas nos três anos em que durou (1932 a 1935). Alguns historiadores apontam como causa de guerra os escusos interesses internacionais de um cartel do petróleo. A guerra do Chaco, com as suas consequências econômicas, teria motivado a emigração de paraguaios, principalmente para Brasil e Argentina.

Mesmo após o plebiscito popular que acabou por buscar a paz à custa do território paraguaio, o país estava ainda mais destruído. Anos se passaram em busca da recuperação do país, e com a crise política que estava ocorrendo em 1947 inicia-se uma guerra civil. A Revista ARCA (1993, p. 26) assinala, que, “esta guerra civil, aconteceu por meio de levantes militares insurgentes contra o governo que também era militar.” A mesma revista assinala ainda que “a guerra civil de 1947, viu setores civis e militares insurgiram-se contra os desmandos promovidos pelos governos militares, acabando por serem literalmente riscados dos quadros do Exército, vindos a exilar-se”. Mais um período de grande fluxo de imigração, ocorre agora com motivos políticos, em que os insurgentes de 1947 são exilados, ou se exilam do país de origem, devido à crise política, buscando novas oportunidades inicialmente no interior, depois no exterior.

Toda a pobreza, crise política e repressão foram alguns dos grandes fatores que levaram ao grande fluxo migratório e imigratório que ocorrem no período.

No Brasil, muitos desses imigrantes foram inicialmente para o interior do Mato Grosso e Paraná. No território de MT, com diversas oportunidades de emprego como a Cia. Mate Laranjeira, muitos eram seduzidos para estes locais de trabalho.

Com o crescimento de Campo Grande tanto como cidade, como capital, mais e mais imigrantes e seus descendentes residentes no interior enxergam uma oportunidade de algo melhor e começam a se estabelecer em Campo Grande, sobre este assunto. Bois (2005, p. 5) afirma que:

Estar presentes no Estado e na cidade de Campo Grande, desempenha funções diferentes; entre outras eram agricultores, marceneiros, ervais,

artesãos, comerciantes, jogadores e com seus costumes para cá trazidos influenciaram na cultura campo-grandense, faro que pode ser facilmente percebido no prato típico, na festa e devoção religiosa, na música, dança e pelo local onde grande número de paraguaios e seus descendentes escolheram para residir.

Os imigrantes paraguaios ajudaram também no crescimento da cidade por meio de seus conhecimentos com o corte de gado, por exemplo, ou no desenvolvimento do comércio da recém-criada capital, também foram responsáveis pela criação de diversos bairros na cidade, trazendo um pouco de sua cultura, costumes e religiosidade.

3.2 Artesanato, cultura e música

Com a história de contato, história em que os dois países estabelecem relações entre si, sejam elas históricas, comerciais, territoriais ou econômicas, entre os territórios do Mato Grosso do Sul e do Paraguai, torna-se difícil não escrever sobre a influência que o território brasileiro tem recebido por meio de costumes e crenças paraguaias. Castilho et al. (2017, p. 194), argumentam que “o Estado de Mato Grosso do Sul tem uma herança cultural que marca a sua história, ao mesmo tempo em que modela seu patrimônio natural e estabelece o modo de vida dos homens que ocuparam essa região”. A culinária, as expressões linguísticas faladas em Mato Grosso do Sul, assim como a religião, foram marcadas por esse contato, sendo atreladas à nossa cultura como se fossem próprias do povo brasileiro.

Ao referir-se sobre esse assunto, ponderam que com relação a essa influência, Marques, Maciel e Le Bourlegat (2014, p. 62-63):

Há uma forte colônia paraguaia instituída legalmente, em forma de associação [...]. Sua música é muito aceita e faz parte da cultura local, principalmente as guarâncias e polcas paraguaias. Seus costumes alimentícios influenciaram também de modo significativo a população local, por exemplo o *tereré*, o *pucheiro* (*cozido*), *sopa paraguaia*, *chipa*, entre outros. Ademais, suas festas, inclusive religiosa são muito alegres e coloridas, muito bonitas. Ao final se pode dizer que povo imigrante paraguaio não sofre tanto com a sensação de perda de identidade, por duas razões: 1) porque há uma quase perfeita interação com a cultura local e 2) porque seu país está muito perto, o que permite as relações com relativa facilidade. Dito isto, é claro que o sentimento de pertença é também fortalecido pela atuação da Associação, que sem dúvida funciona como uma rede social de permanente acolhida.

Esses traços marcantes da cultura paraguaia, em Mato Grosso do Sul, permitem que Campo Grande seja uma cidade relativamente acolhedora a esses imigrantes ou migrantes.

A multiplicidade cultural vinda das Américas para Campo Grande, juntamente com a influência de outras regiões e povos, como os indígenas, japoneses e libaneses, se manifesta em diversas esferas da cidade: nas lendas e costumes assimilados e absorvidos na cultura local, no artesanato, na música e nas expressões linguísticas, ou seja, todos esses aspectos culturais que se misturaram, contribuem para a formação da cultura local, se tornando apenas uma.

Campo Grande, por todas essas influências estrangeiras, possui uma grande variedade de artesanatos e artigos regionais em diversas lojas de presente espalhadas pela cidade, sempre representando essa cultura de fronteira, permitindo essa troca pelo contato, entre as nações. Com o objetivo de demonstrar a diversidade de costumes entre os diferentes grupos, no estado, a Fundação de Cultural de MS promove eventos e feiras de artesanato, desenvolvida por esses grupos de imigrantes, trazendo seus costumes e sua identidade para a cidade de Campo Grande. De acordo com Breda (2017), nas feiras e eventos, o estado é apresentado por meio de toda essa diversidade e escolhe essa representação promovida por “artesãos e entidades do artesanato que representam MS”. A cultura paraguaia é algo que está sempre em exibição pela importância e influência que tem na formação de identidade do estado.

Não apenas o artesanato, mas a música paraguaia também é muito presente, em Campo Grande. Desde pequenas, as pessoas têm contato com esse estilo musical, seja na casa das suas famílias, por meio de rádios, nas praças, nos fins de semana no mercado municipal com apresentações ao vivo. Esses traços culturais são expressos nos estilos musicais desse povo, tais como a Polca paraguaia e chamamé. Os paraguaios dançam, cantam e se alegram com suas músicas típicas (Imagen 1).

Imagen 1 - Dança típica paraguaia



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pom2ky0RKWg> (2019).

Por meio de festivais e associações, diversos grupos buscam a valorização da cultura e música da América do Sul. Mato Grosso do Sul tem lançado mão dessa troca entre culturas na realização de eventos com vista a fortalecer seus laços de fronteira. O presidente do Instituto Cultural Chamamé/MS - Orivaldo Mengual, em entrevista ao site do *Portal da Educativa*, comenta que esses eventos estimulam as gerações na cultura que faz parte da história de MS.

O sistema de representação cultural do chamamé, além da polca, chamamé e guarânia, expressões de destaque da nossa cultura musical, inclui a dança de salão, o hábito de tomar o tereré e a degustação de iguarias como a sopa paraguaia e a chipa. Consumimos e distribuímos cultura que ultrapassa nossas fronteiras e é comum a outros países. (PORTAL DA EDUCATIVA, 2017).

A cultura paraguaia está formada na base da sociedade sul-mato-grossense em quase todos os seus níveis, de história, cultura, influências musicais, artesanato e a valorização dessa cultura no território vivido servem como vínculo entre país, grupos de diversas etnias e moradores de um espaço entre fronteiras.

Quanto à culinária, alguns itens alimentícios, como as bebidas e comidas, foram incorporados na cultura do sul-mato-grossense de tal forma, que em algumas vezes, já são considerados como componentes próprios dessa cultura.

O tereré, por exemplo, é uma bebida paraguaia que grande parte do campo-grandense – assim como em outras cidades do estado – possui em sua residência. A erva mate foi cultivada pelos indígenas por décadas e os paraguaios adquiriram o mesmo costume. A empresa *Mate Laranjeira*, produziu, por muitos anos, e detinha quase um monopólio sob a plantação de erva para tereré no continente Sul-Americanano. Muitos paraguaios, assim como os próprios donos da empresa *Mate Laranjeira*, como afirma Caldeira (s/d) citado por Araújo (2014), já trabalhavam com outra empresa de plantação de erva mate em Concepción, no Paraguai, e vieram para o antigo Mato Grosso em busca de novas oportunidade para a empresa. A bebida se popularizou por todo o meio rural, e pela capital não seria diferente (Imagen 2).

Imagen 2 - Tereré



Fonte: Fortíssima (2016).

Além da bebida gelada, muitas receitas foram passadas por gerações dos paraguaios imigrantes ao brasileiro, permitindo que fizessem parte da culinária típica do Brasil, como por exemplo, a sopa paraguaia e a chipa (Imagen 3).

Imagen 3 - Sopa paraguaia



Fonte: Arquitetando estilos (2019)

Muitos blogs de escritores locais buscam valorizar esses alimentos que, apesar de tão comuns na cidade, carregam muitas histórias e culturas. Marina Braz (s/d) salienta que:

Duas heranças paraguaias que caracterizam muito bem o Mato Grosso do Sul é a **sopa paraguaia**, que apesar de muitos pensarem que é uma sopa, na verdade é uma torta de milho com queijo e cebola, e a **chipa** – espécie de pão de queijo em forma de ferradura. Importaram, também, o hábito de beber tereré, uma bebida preparada com erva-mate, muito parecida com o chimarrão gaúcho, mas servida gelada.

Apesar de muitas dessas receitas serem do Paraguai, diversos municípios carregam sua cultura em suas veias, acabando por adaptar ou criar novas receitas, com base nas já existentes, seja pelos produtos diferenciados entre os países, seja pelo gosto levemente distinto, como aponta Rodrigo Teixeira “Aos poucos as receitas acabam sendo abrasileiradas pelos culinários. ‘A comida do Paraguai é muito rica e caiu no gosto daqui porque se parece com a culinária gaúcha e mineira, justamente os povos que juntos com o paraguaio desbravaram este Estado’”. Embora existam algumas mudanças, as bases da tradição permanecem intactas naqueles que valorizam o seu território, sua cultura e sua identidade.

A religiosidade como uma das heranças do período colonial, na América do Sul, a religiosidade marcou, em diversos níveis, cada um dos povos que viviam no território, tanto para libertar e ajudar alguns grupos indígenas quanto para servir de facilitadora na aculturação desses povos. O jornal *Estadão* publicou uma notícia, em 2013, com os dados do número de católicos no mundo: “Dois terços dos fiéis da Igreja estão agora na América Latina, África e Ásia. Na América Latina, o número absoluto passou de 70 milhões para 425 milhões de católicos em cem anos, 45% do total” (CHADE, 2013).

Após o processo de imigração desses paraguaios, a pastoral de imigrações promove núcleos de valorização da cultura paraguaia em diversos bairros, na cidade de Campo Grande. A Revista ARCA (1993, p. 72) destaca que “estes núcleos reuniam-se periodicamente para cultivo da fé (principalmente nas procissões à Virgem de Caacupé), organização de festas populares, e manutenção das tradições culturais paraguaias”.

Por meio da fé, os povos de fronteira se unem a fim de fazer suas missas, procissões e manifestações religiosas. A festa de Nossa senhora de Caacupé é uma das festas religiosas mais tradicionais do estado, pois é um momento de esquecer as guerras do passado, entre Brasil e Paraguai, e lembrar a devoção à padroeira do Paraguai. De acordo com Furlan (2013, p. 107), “o sentimento que une os sul-mato-grossenses aos vizinhos paraguaios é superior à batalha política e geográfica do capítulo sangrento da história do Brasil e a proximidade entre os dois povos contribui riquezas maiores que a disputa por dominação”.

A festa de Nossa Senhora de Caacupé é comemorada, principalmente, nas regiões de fronteira, como Ponta Porã, mas é também divulgada pelas associações e comunidades paraguaias na capital. Oliveira (2016, s/p.) ressalta um pouco sobre a origem da festa, na qual:

A santa é padroeira do Paraguai e a história está relacionada a um índio convertido que se escondeu atrás de um tronco para esconder de outros índios que o estavam perseguinto. O índio prometeu que se conseguisse sobreviver, faria uma imagem da santa com o tronco da árvore, e após

escapar daquela situação, ele esculpiu duas imagens da Virgem Maria: uma para a igreja de Tabotí e outra menos para devoção pessoal.

A Fundação de Cultura de MS (2014, p. 109) evidencia que esse momento de devoção, troca de costumes, hábitos e o fortalecimento da identidade entre as culturas:

Dias antes das festividades os paraguaios e brasileiros da fronteira participam de novenas e missas [...] Na rua tomada pela festa os fiéis compartilham pão e participam de um almoço. Há sempre uma iguaria da culinária paraguaia, comum entre os sul-mato-grossenses: a sopa paraguaia

Ao longo da história sul-mato-grossense, a religião ajudou a construir a identidade local e regional. Permitiu que esses grupos valorizassem sua própria cultura e que a compartilhassem com aqueles grupos que viveram histórias de construção identitária bem parecidas. Não apenas a religião, mas cada um dos fatores culturais, gastronômicos e históricos possibilitou certa facilidade de convivência aos imigrantes paraguaios, no Brasil, por conta da participação que tiveram na construção do sul-mato-grossense.

4 TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS E RESULTADOS

4.1 Tendências metodológicas

O presente item tem por objetivo descrever a condução dos processos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa em questão, dentre eles a sua abordagem, o método e o relato de detalhes referente à coleta de dados.

O estudo elaborado seguiu uma linha que trabalha com a historiografia de micro-história, pela qual, pessoas comuns têm a oportunidade de contar sobre as suas experiências na vida pública e privada, direcionando ao tema central; e também na história oral, por meio de vídeos encontrados, como documentos históricos, por exemplo. Ainda sobre a aplicação teórica ao estudo, é importante discorrer sobre a análise desenvolvida a partir da aplicação dos questionários à comunidade paraguaia (APÊNDICE).

Com o questionamento dos sujeitos sobre o mundo e sobre os componentes que a eles se referem como a natureza, as comunidades e os indivíduos, nasce a necessidade de criar métodos para o desenvolvimento real das respostas a essas indagações, fato este que possibilitou o surgimento dos tópicos do método de pesquisa.

Nesse diapasão foram utilizadas diversas áreas de desenvolvimento da pesquisa científica em tela.

A abordagem, de acordo com Marques *et al.* (2017, p. 39) aponta os “procedimentos de aproximação do objetivo de pesquisa, em termos de coletas, análise e interpretação de dados”. Dentre as múltiplas abordagens existentes, para essa pesquisa foi escolhida a qualitativa, sendo assim pode ser configurada como uma pesquisa de campo, por meio de aplicação de questionários, dados históricos, pessoais e sociais, formando, assim, conjuntos de informações estudados pelas ciências sociais.

Ainda de acordo com Marques *et al.* (2017, p. 39), a abordagem qualitativa “é aquela cujos dados não são passíveis de serem materializados” e por meio dela pode-se trabalhar a visão de mundo para “[...] buscar uma explicação da realidade, compreendê-la a partir da revelação dos mapas mentais dos sujeitos-objetos da investigação”. Sendo assim, ao investigar os paraguaios e seus aspectos culturais, buscando verificar a visão dos mesmos sobre a imigração, a história e a identidade existente entre os dois países.

Turato (2018, p. 510) acredita que o pesquisador que queira estudar sobre as sociedades deve iniciar a sua busca por meio de símbolos criados, demonstrando que:

O interesse do pesquisador volta-se para a busca do significado das coisas, porque este tem um papel organizador nos seres humanos. O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, idéias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Num outro nível, os significados que as ‘coisas’ ganham, passam também a ser partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos.

Alves-Mazzotti (2002) afirma que uma das grandes dificuldades em se desenvolver uma pesquisa por meio da abordagem qualitativa se dá pelo fato de não existir uma estrutura fixa sobre ela.

Por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos. Além disso, as pesquisas qualitativas diferem bastante quanto ao grau de estruturação prévia, isto é quanto aos aspectos que podem ser definidos já no projeto. (ALVES-MAZZOTTI, 2002, p. 147).

Tendo sido definida a hipótese, deve-se, então, buscar as possibilidades de um esclarecimento mais concreto acerca da pergunta feita, independentemente da comprovação ou da descoberta de que a hipótese não condiz com a realidade. Para isso, durante a pesquisa, todas as partes metodológicas foram fundidas de forma a se completarem.

O método implica a descoberta de um caminho ideal para a pesquisa ser desenvolvida de acordo com cada tipo do conhecimento, sendo utilizado após a realização da pesquisa e da resolução do problema. Cabe, então, como afirma Marques (2017, p. 41) “ser utilizado para explicá-lo e expor a solução de modo ordenado para poder ser compreendido por aqueles que estão no processo de produção científica, e precisam compreender que a ciência possui um plano formal de desenvolvimento”.

Dentre as diversas formas de pesquisa, o método analítico é o que mais se torna aplicável a este trabalho. Como ressaltado por Marques *et al.* (2017, p. 42), o método analítico “vai-se do todo a partes, ou seja, decompõe-se o todo em suas partes constituintes, e busca-se compreender como essas partes se articulam entre si”.

Em meio aos diversos métodos para o desenvolvimento do trabalho, o mesmo transitará entre os métodos: analítico e o indutivo. O método indutivo, segundo Marques *et al.* (2017, p. 42), “vai-se da amostra (concreta) para o abstrato, com vistas à generalização, ou seja, vai-se do particular para o geral”. O método indutivo auxilia a pesquisa ao estabelecer uma cadeia de raciocínio e análise, embasada pelo resultado criado pela amostra prescrita nos pesquisados.

Dentro das ciências sociais, podem-se delimitar as características da pesquisa e identificar o método, ao qual a presente dissertação melhor se configura. A ciência social como observam Santos e Parra Filho (2011, p. 71), “é aquela que estuda as relações do homem com seu semelhante”, isto é, estuda como os homens, ao se relacionarem, constroem ou reconstroem sistemas de grupo.

Alguns métodos auxiliares se configuram dentro da pesquisa histórica, como a história oral, por meio de transcrições de entrevista em vídeo, ou em patrimônios culturais a serem analisados durante a pesquisa, e demonstrados nos próximos capítulos, como documentos escritos.

Cada item da dissertação foi elaborado/desenvolvido por meio da revisão bibliográfica, levantamento de dados e processos históricos, sempre embasados por diversos autores.

O questionário aplicado contém questões voltadas à vivência dos paraguaios, suas tradições e costumes no contexto da sociedade campo-grandense (APÊNDICE). O questionário criado em plataforma *forms* do google, foi então divulgado por meio de diversos grupos em mídia sociais como o: *facebook*, enviado via *whatsapp* e *e-mail*. Embora muitas pessoas tenham sido convidadas a participar, mas muitos declinaram o convite ou apenas afirmaram que iriam respondem e não o fizeram.

4.2 Resultados e interpretação dos dados

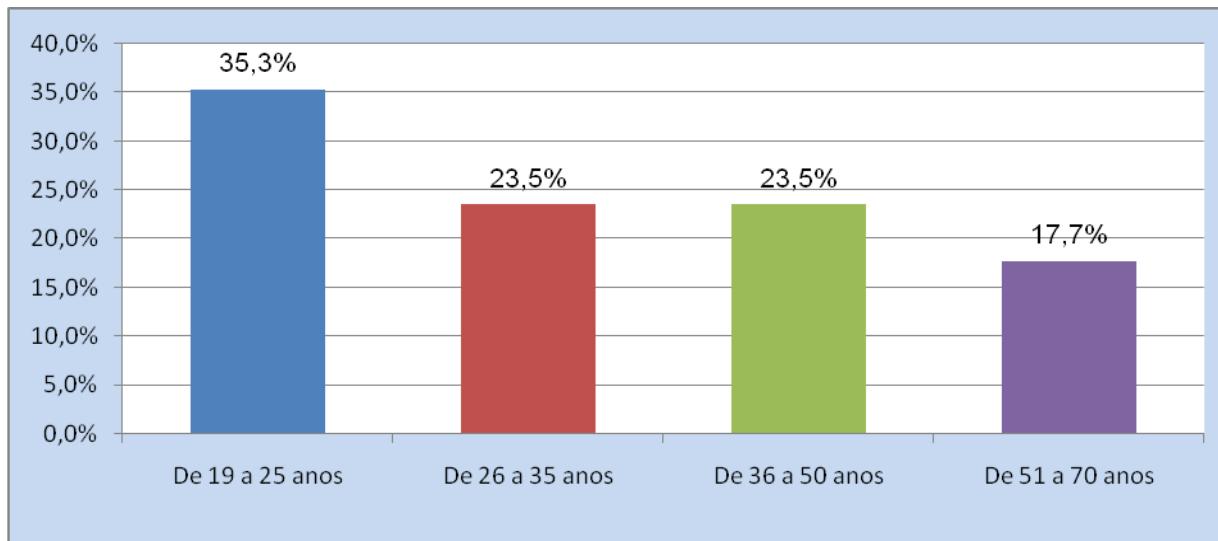
Para dar uma visão real do estudo realizado, optou-se por aplicar questionários via *google forms* em 17 imigrantes e descendentes paraguaios em Campo Grande - MS. Destaca-se também que os respondentes tiveram liberdade plena em assinalar os itens que melhor correspondessem à sua vivência no cotidiano da sociedade brasileira.

Os questionários devem assegurar que o sujeito comprehende as perguntas que tenta responder fidedignamente, e que suas respostas serão firmemente registradas. Reforçando assim: a qualidade do instrumento para a coleta de dados e a eficiência no processo de comunicação (MARTINS, 1994, p. 42).

Foi exatamente o que o presente estudo realizou, uma vez que as respostas foram fielmente analisadas e inseridas na referida dissertação.

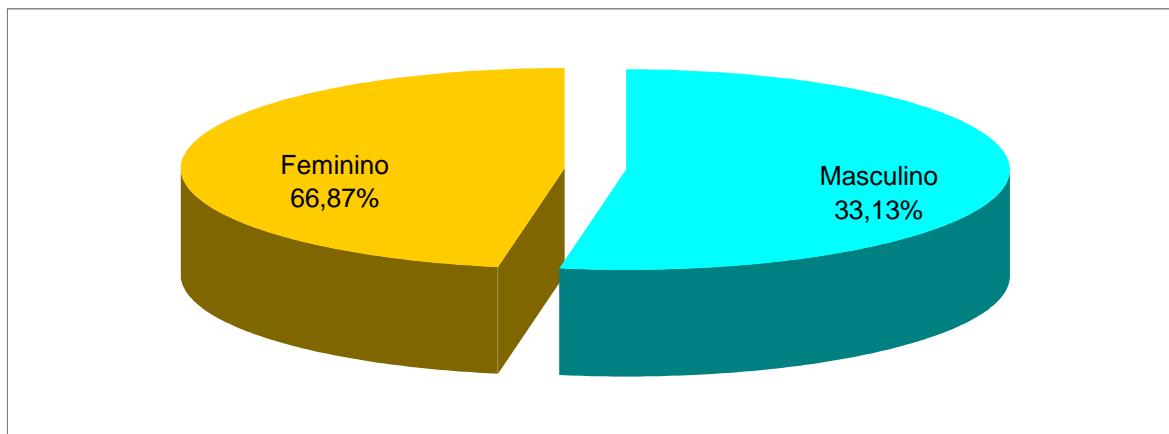
Assim, os gráficos a seguir demonstram a percepção dos respondentes neste processo de comunicação, possibilitando ao leitor a obtenção de dados precisos sobre a pesquisa realizada.

Gráfico 1 - Idade dos participantes



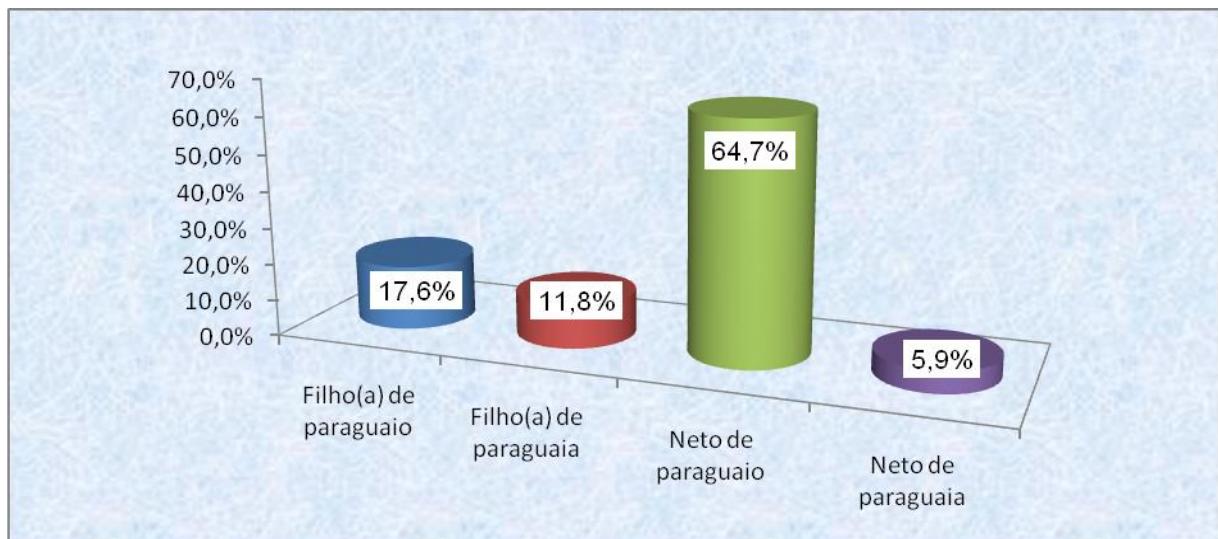
Percebe-se que o maior de número de respondentes está inserido na faixa etária de 19 a 25 anos. Nesse contexto Ribeiro (2003) estabelece que de um modo geral a idade das pessoas *a priori*, poderia influenciar seu modo de vida; os mais jovens com maiores expectativas estariam mais propensos a promover projetos com maior durabilidade e riscos, enquanto que os mais idosos estariam mais desejosos a segurança e tranquilidade. Estes quesitos devem ser levados em conta em qualquer pesquisa a ser realizada.

Gráfico 2 - Sexo dos participantes



A mulher paraguaia no contexto de sua história sempre participou de movimentos políticos e sociais, visando o desenvolvimento de seu país. Os dados da pesquisa de 66,87% demonstram mais uma vez a sua contribuição ao participar como respondente deste estudo e podendo estabelecer uma correlação desse grupo feminino que sempre valoriza os padrões culturais consolidando sua vivência cotidiana no novo território escolhido para viver.

Gráfico 3 - Indicação de descendência paraguaia dos participantes residentes em Campo Grande



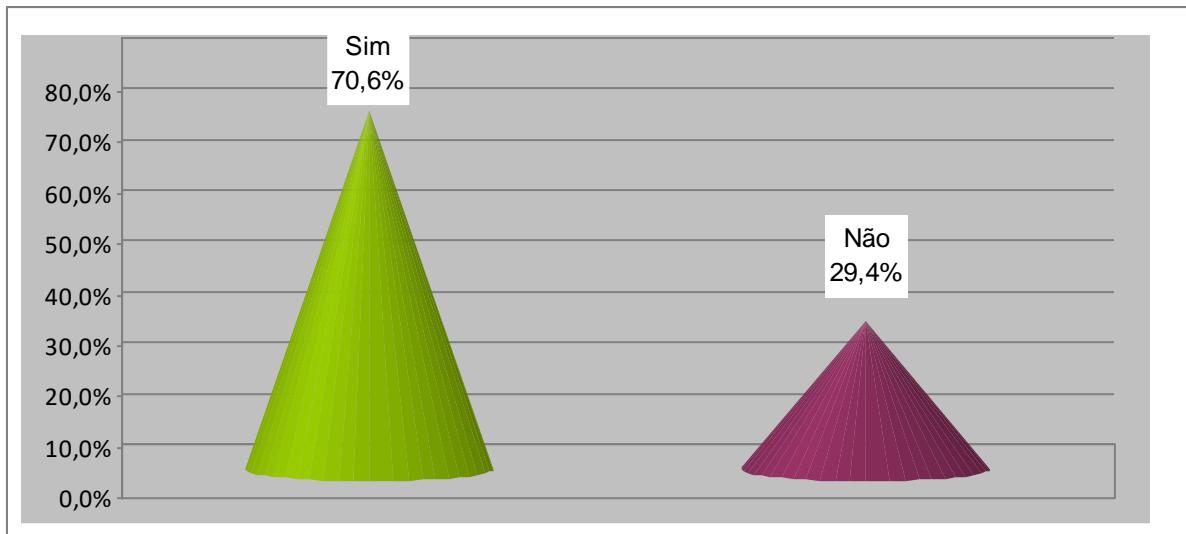
Estabelece-se que a terceira geração de descendentes de imigrantes paraguaios participou da pesquisa com índice de 64,7% demonstrando que a população jovem é muito maior que os primeiros descendentes paraguaios residentes em Campo Grande - MS.

Quanto ao local de residência dos imigrantes e descendentes paraguaios, verificou-se que a maioria reside no bairro Universitário II, uma vez que a Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande se localiza nessa região.

De acordo com os respondentes existem também imigrantes paraguaios nos demais bairros da capital sul-mato-grossense, a saber: Mata do Jacinto, Jardim Petrópolis, Jardim das Nações, Jardim São Lourenço, Talismã, Tiradentes, Jardim Colúmbia, Vila Neusa, Ramez Tebet, Jardim Noroeste, Taveirópolis, Jardim Canguru, Coopharádio, Jardim Colibri, Nova Campo Grande.

O Presidente da Associação Paraguaia em Campo Grande destaca que 80% da população da Vila Popular são de paraguaios e descendentes. Isto porque os primeiros paraguaios que chegaram à capital eram tropeiros e lidavam com gado de corte, por isso se instalaram naquela região, onde tinha vários os frigoríficos (TEIXEIRA, 2006).

Gráfico 4 - Existência no ambiente familiar um patrimônio da cultura paraguaia



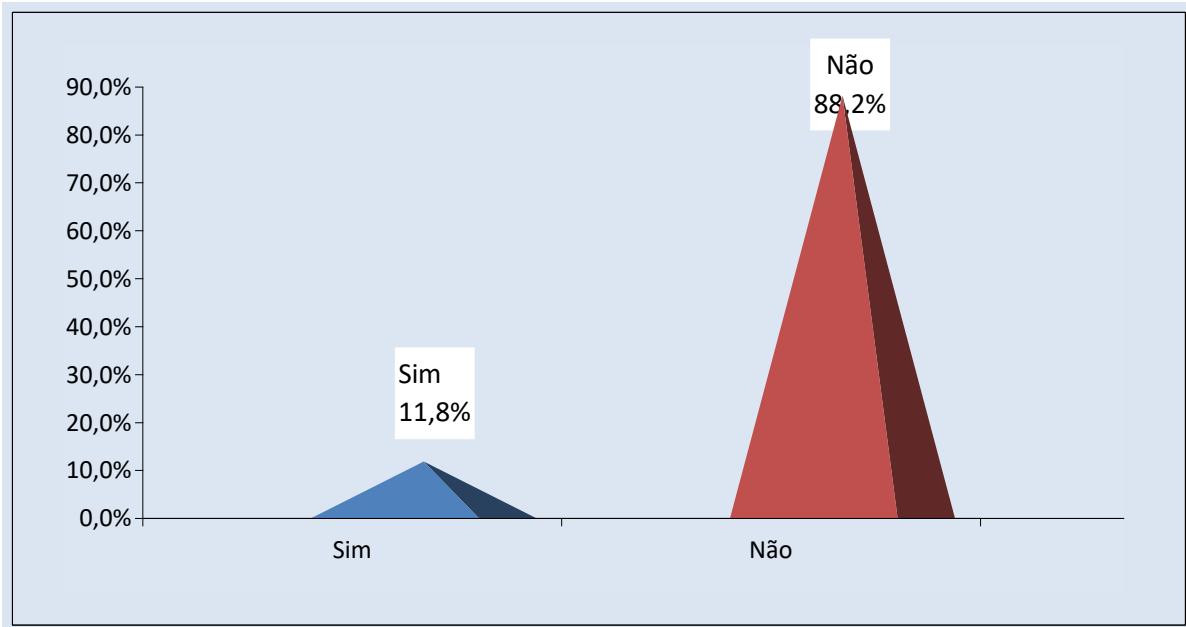
No percentual de 70,6% os respondentes destacaram os seguintes patrimônios: culinária, música, artesanato material, medicamentos caseiros e documentos pessoais indicando a procedência do Paraguai, bem como passaportes, certidões de nascimento, entre outros.

Com relação à prática da cultura paraguaia, os sujeitos afirmaram realizar por meio da dança, música, manifestações religiosas, medicamentos e a culinária, inclusive sendo esse o aspecto mais predominante.

Referente aos aspectos da cultura paraguaia e a prática na vida cotidiana destaca-se a culinária com a maioria das respostas, seguida da língua, pois alguns familiares falam em guarani. Destacam-se, também, os costumes, com relação ao tereré e a dança, bem como festas religiosas e culturais provenientes da cultura paraguaia.

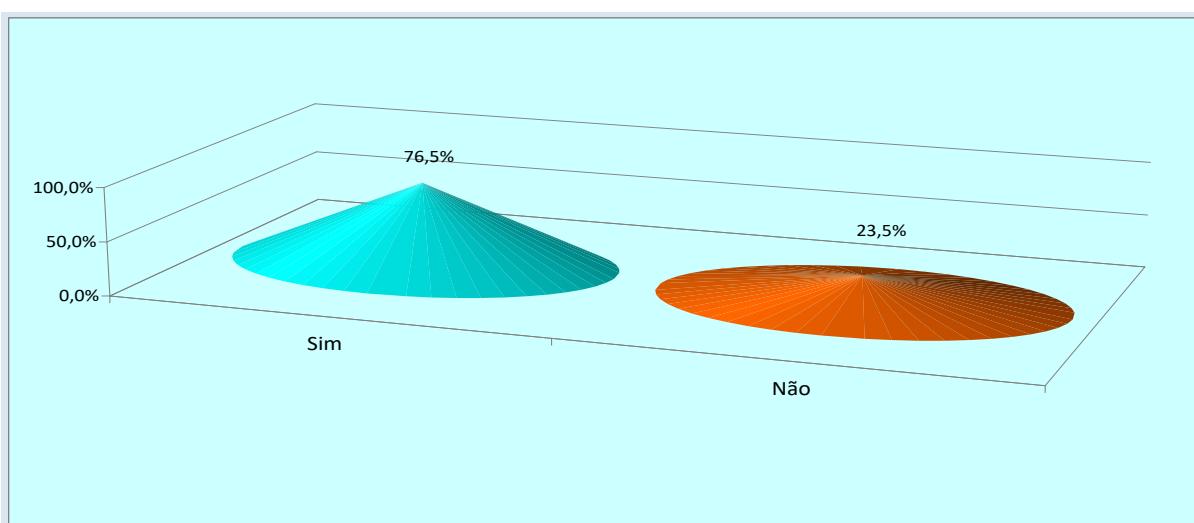
Tais costumes e tradições, de acordo com os respondentes foram repassados aos descendentes por meio de história que os mais velhos contavam aos mais jovens, preservando assim a cultura paraguaia.

Gráfico 5 - Dificuldades em praticar aspectos da cultura paraguaia por não morar no país de origem



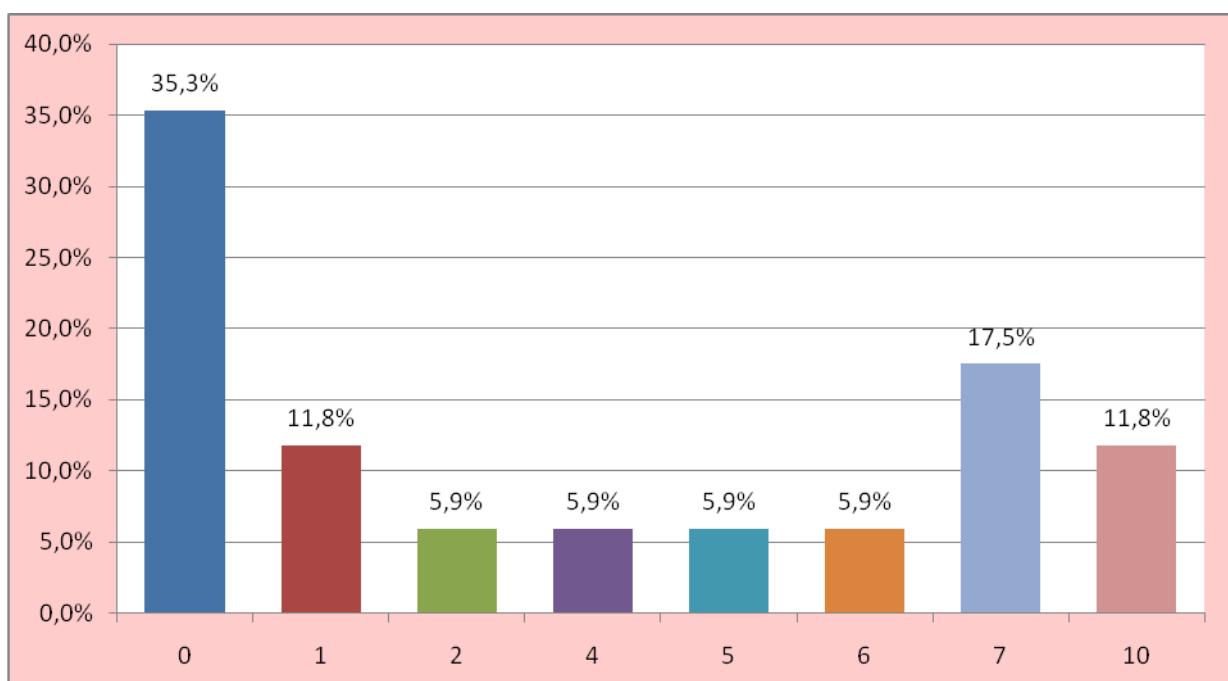
Dos 11,8% que afirmaram ter dificuldades em praticar aspectos da cultura evidenciaram que isso ocorre por questões de compromissos profissional e particular. Os demais (88,2%) enfatizaram que não têm nenhuma dificuldade em praticar as tradições culturais de seus descendentes e que sempre estão dispostos a participar das festas, danças, e também difundir a culinária paraguaia.

Gráfico 6 - Interesse em ensinar as próximas gerações sobre a cultura, língua e história paraguaia



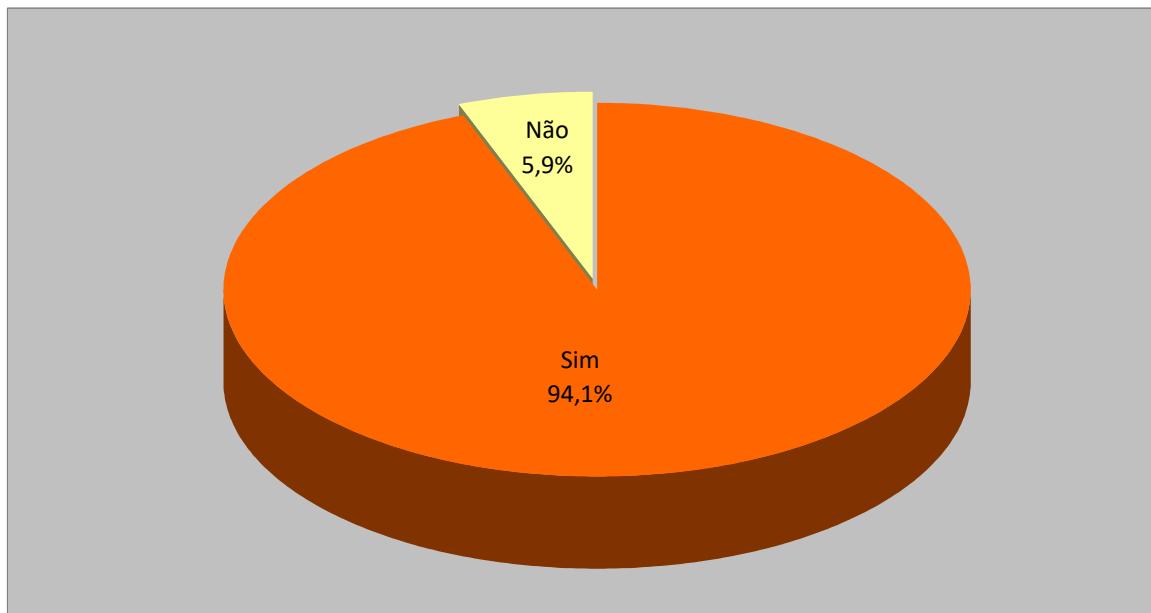
Percebe-se o interesse dos 76,5% dos respondentes que gostariam de ensinar para as próximas gerações sobre a cultura, língua e história paraguaia para continuação das tradições e que Mato Grosso do Sul tem influências da cultura paraguaia, principalmente em relação à culinária. Os 23,5% assinalam que gostaria também de aprender a respeito, pois têm dificuldade em se inserir na comunidade paraguaia da localidade, mesmo porque desconhecem a maioria da cultura da qual são descendentes.

Gráfico 7 - Avaliação da relação com a comunidade paraguaia em Campo Grande - MS (nota de 0 a 10)



Evidencia-se que a maioria (35,3%) dos participantes não se identifica com a comunidade paraguaia, seguida de 17,5% que se importa em apreender a cultura dos seus ancestrais e 11,8% avaliam de forma menos relevante tal aprendizagem cultural, embora o mesmo percentual (11,8%) recebeu nota 10 dos respondentes, o que aponta que um bom percentual valoriza de forma importante a cultura de seus descendentes. Ressalta-se, ainda, que as notas 3, 8 e 9 não foram mencionadas pelos participantes.

Gráfico 8 - Sentimento de integração na sociedade brasileira



De acordo com as respostas os 94,1% se sentem integrados, tendo em vista que em MS tem muitos descendentes de paraguaios e os campo-grandenses gostam e respeitam a cultura. Enquanto que os 5,9% destacam que não tem contato com a cultura paraguaia, evidenciando que são brasileiros.

Conforme Mello (1992) o caráter simbólico da cultura é a sua característica básica, permitindo a sua socialização, transmissão e gerando uma memória coletiva que tem o poder de reconstruir a experiência de uma sociedade onde está inserida.

Estabelece-se, portanto, que identidade cultural do povo paraguaio decorrente de séculos de miscigenação guarani-castelhana e especialmente em seu aspecto musical constitui um dos mais fortes laços culturais de Mato Grosso do Sul.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto geral do estudo os objetivos propostos foram atingidos, uma vez que os paraguaios residentes em Campo Grande trouxeram sua cultura, sendo parte dela já inserida no cotidiano da dos habitantes da capital sul-mato-grossense.

Identificou-se, também que os paraguaios assimilaram alguns traços culturais brasileiros, principalmente no tocante a culinária.

Tendo em vista os aspectos apresentados ao longo da dissertação deve-se levar em conta as ligações entre cultura e comunidade local.

O sentimento de pertencimento entre os povos torna-se tão grande que não existe mais divisão de fronteiras, permitindo então um desenvolvimento do território vivido, ultrapassando aspectos físicos do espaço.

Usa-se então o capital humano e seus conhecimentos para que isso ocorra e se perpetue dentro uma comunidade. Mesmo que o seu desenvolver seja muitas vezes guiado de forma imperceptível ou inconsciente pelos sujeitos envolvidos, sua cultura e identidade muitas vezes estão próximas de sua própria realidade.

O território vivido e sentido está atrelado à memória afetiva dentro do espaço. Isso é permitido graças a uma região de fronteira com uma história de ligação forte entre os dois países, que no presente caso é o Brasil e o Paraguai, de batalhas travadas entre eles, até os momentos de imigração por questões políticas ou socioeconômicas, gerando um patrimônio quase uno entre as duas territorialidades.

Esse sentimento de pertença e de memória do vivido permite as diversas áreas e pode ser percebido na alimentação, tais como: chipa, sopa paraguaia e o tereré que são utilizados pelos descendentes de paraguaios e de certa forma inseridos no cotidiano sul-mato-grossense.

A música e a dança com influência paraguaia estão presentes nas rádios, casas, bares da cidade de Campo Grande, muitas vezes de forma tão natural que já nem existe uma diferenciação cultural, fazendo parte da história local.

Tais sentimentos descendentes de paraguaios permitem a manutenção e preservação da cultura e identidade local, sendo uma identidade mista entre os dois países.

Outra influência forte na cidade é a religiosidade paraguaia, voltada para a fé em Nossa Senhora de Caacupé, sendo realizada todos os anos festividades em homenagem a esta padroeira do Paraguai.

Durante o percurso do trabalho, houve resistência de alguns descendentes em participar da pesquisa. Por outro lado, vários imigrantes paraguaios afirmaram que transmite aos seus descendentes a cultura, para que a mesma não morra.

Os sujeitos do território vivido trazem suas formas de ser e fazer e isso não tornam seus residentes menos brasileiros ou menos sul-mato-grossenses, pois existe uma conexão entre os dois países de forma a preservar suas tradições, evidenciando uma forma de difundir a cultura paraguaia e brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Joice A. Antonello. *Concepções de espaço geográfico e território. Sociedade e Território*. Natal, v. 22, nº 1, p. 44-64, jan/jun.2010.
- ALVEZ-MAZZOTI, Alda Judith. *O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo, Thomson, 2002.
- ARAÚJO, Motta. *A história da Companhia Matte Laranjeira*. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/a-historia-da-companhia-matte-laranjeira>>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- ARCA *Paraguaios a imigração para Campo Grande*. Revista de divulgação do arquivo Histórico de Campos Grande. Campo Grande, n. 4, 1993.
- ÁVILA, Vicente Fidelis de. *Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local*. Sobral, CE: Edições UVA, 2005.
- BARUJAR, Victor E.; Ruy G. PINTO; PAIVA, Jorge Perez. *Una historia Del Paraguay*. Assunção – Paraguai. Livro Digital 2011. Disponível em: <http://www.portalguaraní.com/2155_jorge_perez_paiva_15269_una_historia_del_paraguay_victor_e_baruja_r_ruy_g_pinto_y_jorge_perez_paiva_.html>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BERNARDES, Tereza. *Migração na fronteira do Brasil*: Identificação do padrão migratório e do perfil socioeconômico dos imigrantes sul-americanos que se destinam para os municípios brasileiros. Encontro Nacional de Estudos Populares, ABEP. São Pedro, 2014.
- BOIS, Lindomar José. *Campo Grande*, a vila popular e a cultura paraguaia contada por seus moradores. ANPUH-XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Londrina, 2005.
- BORBA, Julian; SILVA, Lillian Lenite da. Sociedade civil ou capital social? Um balanço teórico. In: BAQUERO, Marcelo; CREMONESE, Dejalma. *Capital social: teoria e prática*. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2006. p. 71-87.
- BRAZ, Marina. *Viagem gastronômica - Mato Grosso do Sul*. Arquitetando Estilos. Disponível em: <<http://www.arquitetandoestilos.com/viagem-gastronomica-mato-grosso-do-sul>>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- BREDA, Marcio Rodrigues. *Com infinitas cores e inspirações*, Tenda do Artesanato é “ponto de encanto” do Festival de Inverno de Bonito. 12 de julho de 2017. Fundação de Cultura. Disponível em: <Disponível em: <<http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/com-infinitas-cores-e-inspiracoes-tenda-do-artesanato-e-ponto-de-encanto-do-festival-de-inverno-de-bonito>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CASTILHO, Maria Augusta de *et al.* Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. *Revista Interações* (Campo Grande) v. 18, n.3, Campo Grande, Jul. Set., 2017.

CASTILHO, Maria Augusta de; LIMA, Vanuza R. de. *Monções em Camapuã: território, história e identidade*. Campo grande, 2012.

CASTILHO, Maria Augusta de; MITIDIERO; Marilda Batista. *O museus José Antônio Pereira: a educação patrimonial no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande/MS*. Campo Grande; Grafica Mundial. 2011.

CASTILHO, Maria Augusta de; SANTOS, Maria Christina de L. *Catálogo Patrimônio histórico e cultural de MS*. Campo Grande: Life editora. 2016.

CHADE, Jamil. *Mundo tem 1,1 bilhão de católicos, maioria na América Latina, África e Ásia*. Jornal o Estadão. Disponível em: <<https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,mundo-tem-1-1-bilhao-de-catolicos-maioria-na-america-latina-africa-e-asia,1008191>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

COVELO, Bruna. *Conceito e funções*. Disponível em: <<https://brunacovelo.jusbrasil.com.br/artigos/181643151/capital-social-conceito-e-funcoes>>. Acesso em: 10 maio 2018.

DA MATTIA, Roberto. *O que faz brasil, Brasil?* Rio de Janeiro; Rocco, 1986.

DICIONÁRIO Geográfico. Disponível em: <https://geografiam.files.wordpress.com/2009/08/dicionario_geografico1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra – nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ELIZALDE, Antonio. Desde el ‘Desarrollo Sustentable’ hacia sociedades sustentables. *Revista Polis* - Universidad Bolivariana, v. 1, n. 4, Santiago, Chile, 2003.

FORTÍSSIMA. *Tereré: conheça os segredos do mate gelado*. 08/02/2016. Disponível em: <<https://fortissima.com.br/2016/02/08/terere-conheca-os-segredos-do-mate-gelado-14823983>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MS. *Manifestações culturais de religiosas de MS*. Disponível em: <http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/19/2014/11/Livro_manifesta%C3%A7%C3%A9s_religiosas_ms_completo.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.

FUNDAÇÃO DE CULTURA. *Com infinitas cores e inspirações*, Tenda do Artesanato é “ponto de encanto” do Festival de Inverno de Bonito. 12 de julho de 2017. Disponível em: <Disponível em: <<http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/com-infinitas-cores-e-inspiracoes-tenda-do-artesanato-e-ponto-de-encanto-do-festival-de-inverno-de-bonito>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

FURLAN, José Alberto. *Manifestações culturais e religiosas de MS*. Campo Grande: Fundação de Cultura, 2013.

GIANOTTO, Adriano de O.; MARQUES, Heitor R.; FERNANDES, Priscila K.M. Libras e o desenvolvimento local em contexto de territorialidades. Campo Grande: UCDB, 2017

- GUIMARÃES, Valdenir de Freitas; CASTILHO, Maria Augusta. *Presença militar na territorialidade de Forte de Coimbra no contexto do desenvolvimento local*. Campo Grande: Gráfica Mundial, 2013.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura - um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, 24^a ed. Jorge Zahar, 2009.
- LE BOURLEGAT, Cleonice A. *territorialidade*. Campo Grande, 2017.
- MARQUES, Heitor Romero *et al.* Metodologia da pesquisa e do trabalho científico. 5 ed. Campo Grande, UCDB, 2017.
- MARQUES, Heitor Romero. *Desarrollo local en la escala humana: uma exigência del siglo XXI*. Campo Grande: Gráfica mundial, 2013.
- MARQUES, Heitor Romero. MACIEL, Josemar de Campos. LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. *Migração e desenvolvimento Local a escala humana: Campo Grande como foco*. Campo Grande: Gráfica Mundial, 2014.
- MARTIN, José Capio *et ali*. Por Mato Grosso do Sul: as escalas do desenvolvimento. In: MARQUES, Heitor. *Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. São Paulo: Atlas, 1994.
- MARTINS, Estevão de Rezende. O enigma do passado: construção social da memória histórica. In: *Textos de História* (15), n.1/2: Dossiê a Escrita da História: Os desafios da multidisciplinaridade. Brasília: Programa de Pós-Graduação em História da UnB, 2007.
- MARTINS, Ismênia de Lima. História e ensino de história: memórias e identidades sociais. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASparello, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. *Ensino de história – sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: MAUAD X: FAPERJ, 2007.
- MARTINS, Murillo A.; MARQUES, Heitor R. *Gestão da aprendizagem: um enfoque acadêmico e comunitário. Saberes locais: encontros e confrontos no contexto de territorialidades*. Campo grande: UCDB, 2016.
- MELLO, Luis Gonzaga de. *Antropologia cultural - iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MONTEIRO, Ana M.; GASparello, Arlete M.; MAGALHÃES, Marcelo de S.(ORG) MARTINS, Ismênia de lima. história e ensino de história: memória e identidade sociais. ENSINO DE HISTÓRIA sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro; Mauad X, 2007.
- NANTES, Milene Holanda; CASTILHO, Maria A. *A formação da gestante na OMEP/BR/MS: potencialidades sob a ótica do desenvolvimento local*. Campo Grande: Gráfica Mundial, 2015.
- OLIVEIRA, Bem. *Festas populares de Mato Grosso do Sul*. 24 de junho de 2016. Disponível em: <<http://www.ilovemsoficial.com/2012/10/festas-populares-de-mato-grosso-do-sul.html>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identida%20desocial%20A%20caprarao%202.pdf>>. Acesso em: 5 de jun de 2018.

PORTAL DA EDUCATIVA. *Começa hoje Festival Cultural do Chamamé de Mato Grosso do Sul*. Disponível em: <<http://www.portaldaeducativa.ms.gov.br/comeca-hoje-festival-cultural-do-chamame-de-mato-grosso-do-sul>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

QUE CONCEITO. *Conceito de capital humano*. Disponível em: <<https://queconceito.com.br/capital-humano>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIBEIRO, Leonardo Cavallini; URQUIZA, Antônio H. Aguilera. *A fronteira Brasil Paraguai e Migração no Estado de Mato Grosso do Sul*. VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA PLATINA (VI SIAP) e I Coloque Unbral de Estudos Fronteiriços, Campo Grande, 2016.

RODRIGUES, Ana Cristina Medeiros; CASTILHO, Maria A. *Praça esportiva Belmar Fidalgo: a metamorfose de um estádio de futebol em espaço sociocultural de Campo Grande*, MS. Campo Grande: Gráfica Mundial, 2016.

SÁ, Flaviana M. D S.; CASTILHO, Maria Augusta. *(Re)territorialidade do espaço cinematográfico de Campo Grande, MS: história e cultura na perspectiva do desenvolvimento local*. Campo Grande: Gráfica mundial, 2014.

SANTOS, Eduardo F.; GRILLO, Jocimara P.; MACIEL, Josemar de C. Diferença e visibilidade precária: conceituação e um caso. In: MARQUES, Heitor; CASTILHO, Maria Augusta de (Org.). *Desenvolvimento Local no contexto de territorialidades*. Campo Grande: Gráfica Mundial. 2016. p. p33-48.

SANTOS, João Almeida; PARRA FILHO, Domingos. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo, Cengage Learning, 2011.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura?* São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos ; 110)

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIGNIFICADOS. *Significado de identidade nacional*. 2018a. Disponível em: <www.significados.com.br/identidade-nacional>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SIGNIFICADOS. *Significado de identidade*. 2018b. Disponível em: <www.significados.com.br/identidade>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SOPA PARAGUAIA. *Viagem gastronômica - Mato Grosso do Sul*. Arquitetando Estilos. Disponível em: <<http://www.arquitetandoestilos.com/viagem-gastronomica-mato-grosso-do-sul>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

TATANEWS. *Número de imigrantes no Brasil aumentou 160% em 10 anos*. 25 de junho, 2016. Disponível em: <<http://tatanews.blog.br/numero-de-imigrantes-no-brasil-aumentou-160-em-10-anos>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

TEIXEIRA, Rodrigo. Mato Grosso do Sul: o Paraguai é aqui! Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/mato-grosso-do-sul-o-paraguai-e-aqui>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, n. 39, v. 3, p. 507-14, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>>. Acesso em: 28 de junho 2018.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro*: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. 1 reimpressão Porto Alegre: Meridianiz, 2013.

APÊNDICE - Questionário aplicado

Solicito a gentileza de preencher este questionário que fará parte de minha dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, com a defesa marcada para fevereiro de 2019.

Título - Manifestações culturais dos paraguaios em Campo Grande - MS

1 - Idade:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> De 0 a 10 anos | <input type="checkbox"/> De 36 a 50 anos |
| <input type="checkbox"/> De 11 a 18 anos | <input type="checkbox"/> De 51 a 70 anos |
| <input type="checkbox"/> De 19 a 25 anos | <input type="checkbox"/> De 71 a 90 anos |
| <input type="checkbox"/> De 26 a 35 anos | <input type="checkbox"/> Acima de 91 anos |

2 - Sexo:

- Masculino Feminino Outros

3 - Marque uma das opções na qual você residente no Brasil se enquadra:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Paraguaio (a) | <input type="checkbox"/> Neto de Paraguaio |
| <input type="checkbox"/> Filho (a) de Paraguaio | <input type="checkbox"/> Neto de Paraguaia |
| <input type="checkbox"/> Filho (a) de Paraguaia | |

4 - Qual o bairro onde reside?

5. Em sua família existe algo que considera um patrimônio familiar ou cultural? (ex. uma receita, um documento histórico, um modo de fazer)

Não Sim

Em caso positivo escreva qual. _____

6. Cite o que você ainda pratica em casa da cultura paraguaia? (ex. dança, culinária, manifestações religiosas, dentre outras).

7. Relate aspectos da cultura paraguaia prática em sua vida cotidiana.

8. Onde aprendeu sobre sua cultura paraguaia?

- Com a família
 Na escola
 Com a associação paraguaia
 Outro. Qual? _____

9. Por morar em outro país, tem dificuldade em praticar aspectos da cultura paraguaia?

() Não () Sim

10. Em caso positivo justifique

12. Você gostaria de ensinar às próximas gerações sobre a cultura, língua, e história paraguaia?

() Sim () Não

Justifique sua resposta.

13. Como você classificaria (de zero a dez) sua relação com a comunidade paraguaia em Campo Grande - MS

Nota: _____

14. Você sente-se integrado na sociedade brasileira?

() Sim () Não

Justifique sua resposta.

Muito obrigado por sua colaboração.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO		
<p>Assino e concordo com a publicação dos resultados acima citado, para o desenvolvimento da pesquisa, realizada para fins de elaboração da dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - UCDB e inclusive reprodução de fotos tiradas no ato desse formulário.</p>		Campo Grande - MS, Data: _____ / _____ / 20 _____
Nome completo:	_____	Assinatura: